

ATUALIZAÇÕES DA IDADE MÉDIA - A PAREMIOLOGIA EM LATIM MEDIEVAL: UM ESPELHO SÓCIO-LINGÜÍSTICO-CULTURAL

Prof. Dr. Álvaro Alfredo Bragança Júnior (UFRJ)

1. INTRODUÇÃO

Quanto mais avançamos no estudo das repercussões da Antigüidade Clássica, especialmente do legado cultural de Roma para a Baixa Idade Média, mais presente evidencia-se para nós a importância da produção fraseológica em língua latina da Baixa Idade Média em manuscritos provenientes, em sua grande maioria, do mundo germânico durante os séculos XII a XV, como documentos histórico-literário-sociais utilíssimos para a evolução dos estudos da mentalidade social medieval. Para tanto, ocupamo-nos com a compilação de Jakob Werner, Lateinische Sprichwörter und Sinnsprüche des Mittelalters (Provérbios e máximas latinas da Idade Média), que proporciona o *corpus* para a nossa pesquisa. Nota-se que a linguagem fraseológica em latim (a conceituação da terminologia fraseológica será por nós mais adiante explicitada) não tem recebido por parte de filólogos, historiadores e demais interessados pela cultura medieval ou pela língua do Lácio a merecida atenção. A pesquisa sobre a fraseologia latina medieval, contudo, é por nós entendida como indispensável para um conhecimento bem mais profundo da realidade física, espiritual e material que cercava o homem medieval. A existência de uma intrínseca relação entre os textos em latim, representantes das mais variadas ciências e atividades da esfera humana e a classe ou classes sociais, que daquela língua faziam uso como instrumento para expressão, propiciou a prática de um tipo de discurso escrito marcado pela concepção de vida então vigente, cujos alicerces já estavam solidificados havia séculos, desde a Grécia e Roma e a partir da difusão e afirmação do cristianismo como religião oficial do Império Romano do Ocidente em 325 d.C..

No tocante à Antigüidade Clássica, vários foram os autores que utilizaram provérbios, adágios, frases feitas, máximas e sentenças em seus textos. Aristóteles, Demócrito, Sófocles, Catão, Cícero, Publílio Siro, dentre outros escritores, lançam mão de expressões fraseológicas, que refletem um posicionamento do homem dessas épocas perante o mundo em que estava inserido, mundo esse vivenciado de acordo com os valores culturais, morais e éticos herdados de seus antepassados e incorporados à galeria de exemplos que deveriam ser seguidos ou refutados pela humanidade.

A vitória do cristianismo trouxe consigo os traços e características do pensamento religioso, que paulatinamente se constituíram em norteadores do *modus vivendi*, do *modus agendi* e do *modus cogitandi* da civilização ocidental durante toda a Idade Média. Com a difusão do saber antigo aliado à teologia cristã, com o desenvolvimento das artes liberais, com o aparecimento das primeiras universidades européias no final do século XI e princípios do século XII, com os contatos culturais com os árabes e conseqüente acesso a textos sobre medicina, astronomia, matemática, música, literatura, filosofia, dentre outras ciências, plasma-se uma cultura medieval *litterata*, que tem como seus grandes representantes homens da Igreja e universitários.¹

Muitas vezes utilizados como exercícios escolares, os textos com expressões fraseológicas eram redigidos em latim, por ser a língua de Cícero a *lingua franca* dos homens de cultura de então. Todavia, esse registro do latim, modificado em uma perspectiva espaço-temporal e influenciado pelos emergentes **romances**, distancia-se dos padrões clássicos, configurando-se naquilo que é denominado “latim medieval”,

conceito esse que não suscita uniformidade entre os estudiosos quanto à sua definição e delimitação. Traços fonéticos, morfológicos, sintáticos, lexicais e semânticos, contudo, demonstram sua especificidade.

Uma outra característica distintiva da fraseologia latina medieval reside no fato do surgimento da rima. Segismundo Spina em seu Manual de versificação românica medieval assim se expressa a esse respeito:

“Inexistente na poesia clássica, a *rima* faz a sua aparição na poesia latina medieval ... e daí transfere-se para a poesia romance .
A rima, que às vezes, assumia a forma de mera assonância ... in

filtrou-se também no adagiário e na própria prosa.”²

A mudança do acento quantitativo para o intensivo, segundo Spina, representou o passo para o estabelecimento da poesia românica na Idade Média. Para o autor, a rima foi utilizada “como recurso artístico de expressividade musical, expediente mnemônico ou instrumento apto para enfatizar passagens de sentimento patético.”³ O uso desse artifício requeria estudos tais, que somente poderiam ser feitos em conventos, mosteiros e universidades, o que evidencia um trabalho intelectual apriorístico com a forma do texto.

Variados são os metros ao alcance dos poetas e estudantes de então: o redondilho heptassilábico, o octossílabo, o decassílabo, o hendecassílabo, o alexandrino etc.. Quanto à fraseologia medieval, encontramos uma maior quantidade de expressões fraseológicas compostas por um só verso de seis, sete ou oito sílabas, bem como de dísticos, os quais, inclusive, estão assinalados pela presença de sinais de pontuação (segundo a edição de Werner).

A leitura e tradução das expressões fraseológicas constantes em nosso *corpus* nos levaram a perceber a incidência de determinados temas de freqüente recorrência. Assim, nomes de animais, expressões relativas ao cristianismo e à Igreja, alusões à personagens da mitologia greco-romana, bem como referências lisonjeiras ou não à figura da mulher formaram, a nosso ver, os quatro principais eixos temáticos, sobre os quais a produção fraseológica versava. Enfim, temos à nossa disposição uma plêiade de temas, que nos conduzem à algumas vertentes do pensamento medieval e suas repercussões sociais, onde o elemento paremiológico serve como espelho social de qualidades e defeitos, desejáveis ou não.

À tentativa de conceituação da fraseologia e de seus diversos sub-ramos segue-se um estudo conciso sobre a Idade Média, levando-se em conta seu contexto político, cultural e social, onde a influência da Igreja e o legado da Antigüidade Clássica pagã se interpenetram na estrutura social, do que a caracterização do assim denominado “latim medieval” é o veículo lingüístico, portador de um legado cultural formador da camada dominante e pensante no seio da Igreja e das universidades. A seguir analisa-se a questão do verso rimado e sua estruturação nos provérbios medievais.

Como próximo passo efetuamos o levantamento, tradução, análise, seleção, fixação e comentários sobre os provérbios medievais rimados em língua latina, que em sua grande maioria se relacionam com os seguintes temários:

- a) animais como arquétipos do homem;
- b) cristianismo (ensinamentos e prática comportamental) e Igreja;
- c) personagens mitológicos greco-romanos como arquétipos do homem;

d) a figura feminina.

Após esses procedimentos, estabelecemos uma visão geral da sociedade européia medieval, no nosso caso sobretudo da área germânica, cujos reflexos podem ser depreendidos através da fraseologia em latim.

Destacamos 1 (um) exemplo de cada eixo temático, além de comentários lingüístico-literários e sociais pertinentes, reconhecendo, todavia, a limitação conteudística do trabalho que ora apresentamos.

2. A FRASEOLOGIA: ESPELHO SOCIAL

“As fórmulas colectivas e tradicionais reflectem maravilhosa - mente a mentalidade de um povo, sua história, seus costumes , crenças, estados afectivos, tendências gerais, aos olhos de quem saiba vê-las e utilizá-las como instrumentos de indagações superiores.”⁴

Uma das formas de conhecimento da história do pensamento social no correr dos séculos está presente em um vasto número de expressões, muitas vezes caracterizadas como populares, as quais seriam portadoras das vivências de uma ou mais gerações e que funcionariam como instrumentos de conduta aptos para serem aplicados no cotidiano.

A questão da classificação das expressões fraseológicas em populares ou eruditas nos coloca diante de uma interrogação: até que ponto, em sua origem, os chamados ditos populares emanaram da tradição popular de uma coletividade? Se analisarmos rapidamente um pequeno esboço sobre o acervo paremiológico universal, veremos um fundo didático-filosófico-moralizante em sua história.

As primeiras fontes de que dispomos remontam aos egípcios, onde segundo as palavras de Maria Helena Trench de Albuquerque (1989:35),

“os ‘sebayts’ (ensinamentos), equivalentes aos provérbios atuais são citados desde o terceiro milênio A.C. Entre os hebreus e os aramaicos o provérbio representava a palavra de um sábio. No século VI A.C. aparecem as *Palavras de Ahiqar* e no século IV A.C. os *Provérbios de Salomão*. Entre os gregos, ‘gnômê’ (pensamento) e ‘paroemia’ (instrução) cobrem as noções de provérbio, sentença, máxima, adágio, preceito, etc., aparecendo em obras de Platão, Aristóteles e Ésquilo....”

Também na China e entre os sumérios dispomos de exemplos desta “sabedoria” universal. Dentre os autores latinos, Catão, Cícero, Sêneca, Publílio Siro constantemente incluíam sentenças suas ou não, com finalidade instrutiva.⁵ Com os estudos dos clássicos gregos e latinos durante a Idade Média, a difusão das fórmulas clássicas alcançou praticamente todas as incipientes línguas nacionais. Através do latim,

língua universal de cultura, Erasmo de Rotterdam com a sua *Adagiorum Collectanea* viabilizou definitivamente a incorporação de numerosos provérbios gregos e latinos ao tesouro lexical de várias línguas.⁶

Pelo exposto, percebemos que homens com domínio do código da escrita encarregaram-se de ilustrar seus textos com frases ou expressões, que em determinado lugar e dentro de seu contexto específico, teriam o valor de uma verdade validada pela experiência. Entretanto, como afirma Maria H. Trench de Albuquerque (1989:36)

“Não se pode confundir as origens remotas e comuns ao acervo paremiológico da humanidade com os meios pelos quais essas estruturas chegaram aos nossos dias: a mais breve observação sobre a verdadeira fonte comum proverbial permite afirmar que a tão decantada origem popular dos provérbios é um mito surgido em função de alguns dos modos pelos quais os E.P. (*Enunciados Proverbiais -parênteses nossos-*) foram veiculados e utilizados em certas épocas. Na Idade Média essas fórmulas gozavam de grande prestígio, constituindo-se na base de exercícios gramaticais nas escolas elementares e capitulares... . A partir dessa época grande número desses enunciados foram transmitidos por autores ... ligados ao clero ... e chegaram até os nossos dias e até o nosso meio contemporâneo.”

O *Livro das Sentenças*, de Pedro Lombardo e os *Disticha Catonis*, de autoria duvidosa, fariam parte da bibliografia indispensável das escolas eclesiásticas e das universidades, servindo praticamente como primeiros livros para os *alumni*.

Heda Jason também vê o provérbio como “uma obra de literatura”⁷. Já Peter Grzybek define os provérbios como

“uma forma de textos estereotipados, que em uma cultura são transmitidos por muito tempo numa forma relativamente estável, embora a própria cultura se transforme constantemente.”⁸

A transmissão cultural e seu próprio desenvolvimento podem ser bem analisados, se levadas em consideração as informações de cunho social contidas nas expressões proverbiais. Partindo-se de temas comuns ao homem, procura-se chegar a um consenso sobre o posicionamento do mesmo perante o mundo e as tribulações e alegrias nele encontradas. Como afirma Heda Jason, o provérbio

“pretende ensinar ao ouvinte: ele critica o comportamento humano; ele o adverte dos perigos. O provérbio faz isso de dois modos: (a) ele dirige-se ao leitor diretamente, dizendo-lhe como se

comportar ou como não se comportar; ele aconselha ou dá ordens ou proibições diretas; ele adverte de perigos e armadilhas e critica o comportamento humano. (b) O outro modo, no qual

o

provérbio leva suas intenções até o ouvinte é resumir experiên-

-

cias de vida e deixar o ouvinte, ele próprio, tirar as conclusões e aplicá-las no futuro para o seu comportamento.”⁹

Um dos recursos, talvez o mais preciso para a eficácia da mensagem proverbial, seja a metáfora, já que esta, não apenas pela beleza literária, mas principalmente pela sua funcionalidade, encerra em si um valor conotativo simbólico universal, depreendido pelo público. Peter Seitel, citado por Ambrose A. Monye, nos fala que

traços

“um termo proverbial é caracterizado por um número de

termos

culturais que juntos incluem o conceito metafórico (e) os

apa

são investidos com um traço culturalmente definido devido a

-

recer ou ter aparecido algum dia em um certo ambiente cultural

mente reconhecido.”¹⁰

e define o provérbio como

cer-

“o uso social estratégico da metáfora, isto é, a manifestação em uma forma tradicional, artística e relativamente curta da razão metafórica, usada em um contexto interacional para resolver

tos problemas (sociais).”¹¹

A eficiência da mensagem proverbial, entretanto, está indissolivelmente associada à sua clareza. O significado da mesma somente poderá ser entendido, quando “lado a lado com a tradução for dado um relato completo da situação social que a acompanha - a razão para seu uso e sua significância no discurso”.¹²

A complexidade de uma resposta concludente sobre a origem popular dos enunciados proverbiais, traz, contudo, outros pontos polêmicos. Se, de acordo com Renzo Tosi, com uma análise mais simples de provérbio o entendemos como

mesmo

“uma frase feita segundo uma formulação padronizada (

qual

que não absolutamente rígida), que se tornou tradicional e à

se atribui autoridade de verdade incontestada, fruto da sabedoria antiga e popular”,¹³

por outro lado somos obrigados a concordar que

“muitas vezes os provérbios não passam de redações estereotipadas de *topoi* literários e que as relações entre a tradição literária e a pretensa “sabedoria popular” se revelam profundas e complexas.”¹⁴

A continuidade da tradição cultural clássica durante a Idade Média, porém, nos leva a considerar a difusão dos provérbios e demais expressões fraseológicas, não apenas como mero exercício de latim com finalidades estéticas de metrificacão, mas do mesmo modo, como consolidação de uma mentalidade moral cristã de dominação e de regulamentação da vida social através do discurso (oral e escrito), que sintetiza através de *exempla*, *florilegia* e *libri proverbiorum*, por exemplo, um manual de conduta dos membros das classes sociais.¹⁵

Do ponto de vista social, a origem e o papel das expressões fraseológicas através de gerações prendem-se à transmissão de um legado cultural de conselhos práticos de vida baseados na experiência e na sabedoria dos antigos. Uma extensa terminologia ligada às expressões fraseológicas reflete, ou pelo menos tenta refletir, nuances distintas de forma e conteúdo.

2.1. Conceituação de fraseologia e sua tipologia

“Vamos nos contentar em reconhecer que o provérbio é um dito corrente entre o povo.”¹⁶

Assim sumariza o paremiologista americano Archer Taylor no início de seu livro, considerado pelos estudiosos como o marco de surgimento da paremiologia moderna, *The proverb*. O problema da precisa delimitação de provérbio e seus correlatos passa, em primeiro lugar, pela necessidade de esclarecimento do conceito de fraseologia.

Denomina-se fraseologia a ciência que estuda o conjunto de frases ou locuções de uma língua, em primeiro plano, ou de um autor isolado, num segundo momento. No segundo caso, muitas vezes, o estudo fraseológico adentra o campo da estilística. Distingue-se da fraseografia por esta ser um

“ramo da Lexicografia e da Fraseologia 2), que se ocupa da apreensão lexicográfica e caracterização da fraseologia 1) de uma ou mais de uma língua...”¹⁷

Essas unidades ou expressões fraseológicas recebem uma classificação tipológica que normalmente não consegue delimitar suas características formais e contedísticas básicas, pelo contrário, muitas vezes associando-as praticamente como sinônimas.

À guisa de exemplificação, vejamos apenas as definições dos diversos tipos de expressões fraseológicas indexadas no *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda, segundo Maria Lúcia Mexias Simon:¹⁸

- adágio¹. [Do lat. adagiu] S.m. V. provérbio ...;
- aforismo [Do grego aphorismós, pelo lat. aphorismu.] s.m. sentença moral breve e conceituosa; máxima ...;
- anexim (x=ch). [Do ar. an-naxid.] s.m. 1. v. provérbio... 2. Dito sentencioso.;
- apoteigma. [Do grego apophthegma.] s.m. 1. Dito curto e sentencioso, aforismo, máxima...;

- axioma (cs ou ss). [Do gr. axioma, pelo latim axioma.] s.m. 1. Filos. Premissa imediatamente evidente que se admite como universalmente verdadeira sem exigência de demonstração. 2. P.ext. Máxima, sentença ...;
- brocardo. [Do lat. medieval brocardu] s.m. 1. Axioma jurídico. 2. Axioma, aforismo, máxima, sentença, provérbio...;
- chufa¹. [Voc. onom., calcado no lat. vulg. sufilare, sibilare, ‘assobiar’.] s.f. Dito trocista; caçoada, troça, remoque, mofa...;
- ditado [Do lat. dictatu.] s.m. ... 3. v. provérbio (1)...;
- dictério. [Do gr. deiktérion, pelo lat. dicteriu] s.m. Troça, zombaria, motejo, escárnio, chufa, dichote...;
- ditame. [Do lat. dictamen.] s.m. ... 2. O que a consciência e a razão dizem que deve ser... 3. Regra, aviso, ordem, doutrina...;
- ditério. s.m. 1. Var. de dictério. 2. Bras. S. Pop. V. dito (5);
- dito. [Do lat. dictu.] Adj. 1. Que se disse; mencionado, referido. S.m. 2. Palavra, expressão. 3. Sentença, frase. 4. Provérbio, ditado. 5. Mexerico, enredo, ditinho...;
- dizer¹. [Do lat. dicere.] s.m. ... Expressão, dito ...;
- gnoma. [Do gr. gnóme, pelo lat. gnome. s.f. sentença moral | V. máxima (2) |;
- máxima (ss). [Fem. substantivado de máximo.] s. f. 1. Princípio básico e indiscutível de ciência ou arte; axioma. 2. Sentença ou doutrina moral... 3. Conceito, aforismo, pensamento, apotegma... 4. Anexim...;
- motejo (ê). Do it. moteggio. S.M. 1. V. zombaria... 2. Dito picante; gracejo.;
- parêmia. [Do gr. paroimía, pelo lat. paroimia.] s.f. 1. Breve alegoria. 2. Provérbio, prolóquio.;
- provérbio. [Do lat. proverbiu.] s.m. 1. Máxima ou sentença de caráter prático e popular, comum a todo um grupo social, expressa em forma sucinta e geralmente rica em imagens; adágio, ditado, anexim, refrão, rifão... 2. Pequena comédia que tem por tema o desenvolvimento de um provérbio...;
- refrão. [Do provenç. ant. refrahn, ‘canto dos pássaros’.] s.m. 2. Adágio, provérbio, anexim, rifão, refrém ...;
- rifão. [F. dissimulada de refrão.] s.m. V. provérbio (1)...;
- sentença. [Do lat. sententia.] s.f. 1. Expressão que encerra um sentido geral ou princípio ou verdade moral máxima. 2. Rifão, provérbio, anexim... .

Para a Academia de Ciências da antiga República Democrática Alemã, provérbios são “unidades lexicais memorizáveis e reproduzidos em nível textual, que nomeiam uma situação ou experiência de vida de uma forma reduzida e pregnante”¹⁹. A concepção medieval de aliar à sabedoria humana, centrada na experiência e na autoridade do saber das auctoritates clássicas dentro de uma perspectiva científico-filosófica de fundamento cristão, uma sabedoria divina, norteadora do próprio comportamento humano, encontra na palavra provérbio sua melhor exteriorização.

Maria Lúcia Mexias Simon (1989: pp. 26-27) assim precisa o termo provérbio:

judi “Tem-se como estabelecido que as lexias textuais de caráter
 cioso, extraídas da Bíblia, serão chamadas provérbios e não re-
 ceberão nenhuma das outras denominações. Outro ponto
 comum é quanto ao aspecto da gravidade do provérbio; é um aconselha

pela
sincrônica,
clas

mento ou um juízo que pode ser repetido pelos eruditos,
classe elevada, enquanto que, ao menos numa visão
os ditérios, os anexins, as chufas ficam com as crianças ou a
se menos elevada.”

Como afirmam François Suard e Claude Buridant, provérbio seria “um enunciado autônomo, metafórico, exprimindo uma observação popular de valor geral.”²⁰ A observação popular, referendada pelo saber empírico de gerações e assentada sobre os ensinamentos da Igreja, teve nos provérbios medievais um veículo de conhecimento e de dominação.

À ciência que se ocupa com a descrição, classificação, etimologia e pragmática dos provérbios dá-se o nome de paremiologia.

Sobre os provérbios em latim na Idade Média, a bibliografia é escassa. Dispomos do nosso *corpus*, ou seja, os *Lateinische Sprichwörter und Sinnsprüche des Mittelalters*, de Jakob Werner, a monumental obra de Hans Walther, *Proverbia sententiaeque latinitatis medii aevi. Lateinische Sprichwörter und Sentenzen des Mittelalters in alphabethischer Anordnung*, de 1963 e a mais recente compilação, a cargo de Hans Walther e Paul G. Schmidt, *Carmina medii aevi posterioris latina*, cujo segundo volume, dividido em três tomos, intitula-se *Proverbia sententiaeque latinitatis medii ac recentioris aevi*. A tradição paremiológica alemã²¹ com relação à Idade Média restringe-se à listagem alfabética de provérbios e expressões proverbiais em latim, sem um estudo histórico-filológico adequado.

O provérbio possui, contudo, alguns níveis de estruturação, sobre os quais podemos rapidamente discorrer. Do ponto de vista de sua estruturação fônica, os provérbios apresentam uma entonação, ritmo e métrica próprios, fazem uso frequente de aliterações, assonâncias e rimas, com uma estruturação rítmica binária, no caso de boa parte dos dísticos medievais rimados:

e.g. **Cattus dormitans et clerus cantica vitans
Et mola stans vacua tibi dant mala lucra.**

O papel da métrica e da rima, além da cadência fônica, auxilia a memorização da mensagem proverbial.

Burton, citado por Maria Helena Trench de Albuquerque, enumera outras propriedades distintivas do provérbio:²²

A) Propriedades semânticas

1. operam com aspectos básicos da vida - amor, saúde, idade, pobreza, riqueza, trabalho, etc. - que não podem ser banais;
2. dizem respeito a expressões de opinião geral, mais do que da pessoal, e implicam em que a sociedade em geral endosse os sentimentos através delas propostos;
3. podem ser tomados metaforicamente ou literalmente;
4. advogam estratégias e dão conselhos;

5. estabelecem uma verdade geral em contraste com a especificidade do contexto no qual aparecem, referindo-se muitas vezes a uma categoria de experiência mais ampla e geral que a de seu contexto de uso.

B) Propriedades sintáticas

1. tempo no presente, sugerindo atemporalidade, ou referência a qualquer tempo;
2. simetria evidente: paralelismos, repetições, lemas, estruturas bipartidas;
3. uso freqüente da cópula;
4. uso freqüente dos pronomes pessoais e substantivos;
5. uso de formas imperativas.

C) Propriedades fonológicas

1. freqüente uso da aliteração, assonância e rima.

D) Propriedades léxicas

1. uso de arcaísmos, mas em caso algum os enunciados proverbiais deixam de ser coloquiais.

Os aspectos formais do provérbio, associados à sua contraparte conteudística, definem um tipo de discurso de dominação, pois, citando Maria Lúcia Mexias Simon (1989:93),

“Enunciados genéricos, fixados em uma forma conhecida pelos falantes de uma comunidade, avalizados pelo longo uso, preocupam-se os provérbios em manter essa mesma comunidade tal como está, uniforme e imutável.”

Este tipo de discurso ocorrente na literatura medieval como meio pedagógico proporciona aos interessados o discurso da sabedoria, que, no teocêntrico ambiente do medievo, pode ser alcançada através da *revelação* das verdades (humanas e bíblicas) e através do *aprendizado* dos discípulos dentro dos padrões éticos e morais condizentes a um cristão e que configuram uma retórica de dominação.

3. A IDADE MÉDIA

3.1. Concisa apreciação da época

As palavras de Franklin de Oliveira na apresentação à edição brasileira do *Dicionário da Idade Média*, organizado por H. R. Loyn (1992: V), dão bem conta dos preconceitos ainda existentes sobre esta época. Muitos estudos históricos já levantaram as principais marcas distintivas da Idade Média para com a Antiguidade Clássica e o Renascimento. Embora discutível, datam-se os limites cronológicos desta época da história universal entre 476 - fim do Império Romano do Ocidente - e 1453 - tomada de

Constantinopla pelos otomanos. Durante onze séculos, a Europa, e mais particularmente a Europa Ocidental, viveu transformações de variada ordem, com o estabelecimento e queda das dinastias merovíngia e carolíngia, com a dominação dos mouros na Península Ibérica, com a implementação das relações de vassalagem, configuradoras de um sistema político-econômico, o feudalismo, com o expansionismo europeu rumo ao Oriente através, principalmente, das Cruzadas, com a crescente importância da emergente classe burguesa, até à chegada da plenitude do Renascimento e à afirmação de novos valores pessoais de conduta de vida.

A estrutura extremamente teocêntrica da vida medieval, cuja meta residia na tentativa de incorporar no ser humano as virtuosas lições morais de Cristo, é marca fundamental para a compreensão do *modus vivendi*, do *modus agendi* e do *modus cogitandi* do homem medievo. O clero possuía um papel dominante na hierarquia medieval, regulamentando, através de seus ensinamentos, normas para o procedimento do homem no mundo. Por outro lado, reis e imperadores, assim como a chamada “baixa nobreza”, constituída por duques, barões, condes e demais nobres senhores feudais, desenvolvem paulatinamente um gosto maior pelo luxo, representado pela chegada de tapeçarias, especiarias e demais produtos oriundos do Oriente. Poder-se-ia dizer, como já o fizeram vários historiadores, que paralelamente a essa sociedade de formação cristã surgiam, da mesma forma, os evidentes sinais de fortes interesses políticos e econômicos, interesses esses que levaram imperadores, reis e nobres, sob a proteção da Igreja e sob o pretexto de combate e expulsão dos infiéis da Terra Santa e adjacências, a organizarem expedições militares e “santas”, as Cruzadas, com o intuito de estenderem seu poder político até àquelas regiões.

Para resumirmos essas observações, reproduzimos aqui as palavras de Franklin de Oliveira (apud LOYN:1992,V), as quais sintetizam a época de efervescência subterrânea que foi a Idade Média:

“É claro que a civilização medieval foi uma civilização eminentemente religiosa, mas não divorciou o homem da terra. Ela, a Terra, se transformou em sua oficina. Explodiram as invenções : a do arado, a do moinho d’água e do moinho de vento, a dos tea- res etc.. Se a atividade rural continuou sendo a base de tudo, um insurgente artesanato provocou um movimento de urbanização . Com o nascimento das cidades aceleraram-se as trocas, desenvolveu-se o comércio. Delinearam-se as bases de uma economia monetária. Não há erro em dizer que no século XII estabeleceram-se princípios econômicos que ainda hoje regem a nossa civilização.”

Dentre os séculos mais significativos da Idade Média para o desenvolvimento das artes e, mais especificamente, da literatura, sem dúvida o século XII destaca-se pelo impulso dado às manifestações culturais.

3.2. O “Renascimento” do século XII

Charles Homer Haskins em seu já célebre *The Renaissance of the 12th century* assim define o século XII:

“Este século, o exato século de S. Bernardo e de sua tropa, foi em muitos aspectos uma idade de vida revigorante e vigorosa.”²³

E o estudioso americano prossegue:

“A época das Cruzadas, do erguimento de cidades e dos primeiros estados burocráticos do Ocidente, viu a culminância da arte Românica e os primórdios do Gótico; a emergência das literaturas em vernáculo; a revivificação dos clássicos latinos e da poesia latina e direito romano;...”²⁴

No século XII há o aparecimento e consolidação das primeiras grandes universidades européias (Paris, por exemplo) - não devemos nos esquecer aqui da Escola de medicina de Salerno e da universidade de Bolonha, já em atividade no século XI. As *artes liberales*, divididas no *trivium*, gramática, dialética e retórica -e no *quadrivium* - aritmética, geometria, música e astronomia - eram ensinadas nos principais centros de cultura de então ao lado das recentes universidades, os mosteiros, os conventos e as escolas das catedrais. Chartres e Cluny ainda são os mais destacados pólos irradiadores do pensamento e da tradição da Antigüidade greco-romana. Com a progressiva melhoria da vida desde o século XI, com o fim das invasões, com a formação de uma cultura de corte por parte de nobres e letrados, com melhores técnicas de aproveitamento do solo, a sociedade européia consolidou suas bases para o século seguinte, que viria a ser de indiscutível importância para a solidificação de seu código de valores.

Ruy Afonso da Costa Nunes assim esclarece o incremento das relações comerciais nessa época:

“A atividade comercial reanimou, por sua vez, a vida urbana e incentivou o aparecimento de novas ocupações, assim como a a- celerada emancipação dos servos. A economia agrária foi substituída pela de giro e surgiram outras espécies de trabalhadores, além dos tradicionais *mercatores et artifices*.”²⁵

No tocante às letras, o autor citado evoca o século do despertar intelectual da Europa:

“Trata-se de metáfora sugestiva, porque inculca o início de vera marcha intelectual e cultural, da fundação e do surto de escolas,

do da gênese das universidades, do início do ensino da filosofia que reapareceu brilhante no currículo das escolas urbanas, fascínio que despertou em muitas pessoas o contato com as obras científicas dos autores antigos e muçulmanos.”²⁶

Como se vê, o progresso comercial estava aliado à evolução do pensamento e ao desenvolvimento dos estudos humanísticos. Na parte filosófica, as obras de Aristóteles, graças aos árabes, chegaram ao alcance dos leitores medievais e revolucionaram os pressupostos da filosofia escolástica. Na parte literária, os clássicos latinos eram leitura obrigatória: Cícero, Virgílio, Ovídio, Horácio eram *auctoritates*. Sêneca, Publílio Siro, Catão e Aviano representavam o discurso doutrinário da sabedoria empírica humana. Os textos sagrados, a Bíblia e os ensinamentos dos padres da Igreja formavam a base moral, ética e comportamental da sociedade. Sêneca, Justiniano, Donato, dentre outros autores, gozavam, da mesma forma, de grande reputação. Todos os grandes autores podiam ser encontrados nas bibliotecas das escolas dos mosteiros, pois, como então se dizia,

claustrum sine armario est quasi castrum sine armentario.

A filosofia escolástica alimenta-se de textos, unindo em um só *corpus*, o cristianismo e o pensamento antigo. Está formada a filosofia que explica o mundo através da fé! Jacques le Goff, em seu célebre Os intelectuais na Idade Média, resume a relação razão-fé-ciência:

“É que às leis da imitação, a escolástica acrescenta as leis da razão; aos preceitos da autoridade, os argumentos da ciência. Melhor ainda -... - a teologia apela para a razão, torna-se uma ciência.”²⁷

A racionalização da fé, o apelo de São Paulo, para quem *fides argumentum non apparetium* (Heb. XI,1) são a meta. A *ratio fide illustrata* é a base da razão teológica. A fórmula de Santo Anselmo *fides quaerens intellectum* completa-se com a sentença de São Tomás *gratia non tollit naturam sed perficit*.

A síntese de todo esse conhecimento era expressa em latim. Os florilégios, coletâneas de provérbios e **exempla**, da mesma forma, acentuaram-se a partir do século XII, em virtude dessa revitalização da cultura. Entretanto, a Idade Média e, mais concisamente, a Baixa Idade Média (séculos XI-XV) já apresentava uma rica gama de textos em língua latina, diferente já dos padrões clássicos. As idéias cristãs permeavam o mundo medieval e seu efeito sobre a língua do Lácio foi decisivo para a constituição do chamado “latim medieval”.

4. O LATIM MEDIEVAL

Como bem afirma Maria do Horto Soares Motta (1982:23),

“Não há unanimidade entre os autores quanto a classificar o latim da Idade Média como uma língua morta ou como uma língua viva, do que resulta uma grande variedade de conceituações.”

A dificuldade, pois, para se precisar o conceito de latim medieval é o ponto de partida para a discussão sobre seus traços fonéticos, morfológicos, sintáticos e semânticos específicos. Uma gama de variadas opiniões de estudiosos, recolhidas por Christine Mohrmann em seu célebre artigo *Le dualisme de la latinité médiévale* nos dá uma idéia dos problemas para a delimitação do latim medieval ²⁸.

A partir do século IV d.C. ter-se-ia desenvolvido na Europa um sermo latino, de capital importância na história lingüística européia, cognominado de latim medieval. Ludwig Traube o considera como uma língua morta, embora apresentasse ainda possíveis modificações. Para Karl Vössler seria uma forma intermediária entre uma língua viva (latim vulgar) e uma língua morta (latim clássico). P. Lehmann entende o latim medieval como uma língua viva, mas limitada por certas conjunturas.

Karl Strecker era de opinião que o latim medieval seria uma continuação normal do latim clássico, utilizado como meio de expressão pelos escritores da Baixa Latinitade. M. E. Löfstedt pensa, porém, ser o latim medieval uma língua viva em curso normal e orgânico durante a Idade Média.

O caráter de língua viva também é acentuado por Dag Norberg. Em seu *Manuel pratique de latin médiéval*, o estudioso assim define o latim da Idade Média:

“O latim da Idade Média é a continuação do latim escolar e literário do baixo-império. A transformação se fez muito lentamente, e para compreender este desenvolvimento, deve-se partir da situação lingüística antes da queda do império.” ²⁹

Franz Blatt considera toda a latinidade, e com isso, o latim medieval como uma só unidade, chegando à conclusão de que latim tardio e latim medieval formam um *continuum*. M. Bieler vê no latim medieval uma *Ideengemeinschaft* (comunidade de idéias), uma língua sem nacionalidade, sem povo, não sendo mundial, porém sendo utilizada como língua auxiliar internacional durante o período medieval. Para Richard Meister, latim medieval seria uma língua de tradição (*Traditionssprache*), falada, que evoluiu graças aos impulsos espontâneos dos falantes. Christine Mohrmann assim resume o pensamento de Meister:

“Não é uma língua viva no sentido estrito da palavra, mas ela apresenta certos traços característicos que a aproximam das línguas vivas, a saber: evolução sintática, neologismos, empréstimos, etc.” ³⁰

A autora, porém, situa a base do latim medieval no binômio oralidade X literariedade, como bem resume Maria do Horto Soares Motta (1982:26):

“Esse latim apresenta traços que o aproximam de uma língua vi-

va, mas as modificações sofridas não se devem somente à oralidade. Uma grande parte da evolução advém muito mais da literatura, da língua escrita, do que de um uso oral.”

Podemos questionar sobre a existência de um “latim literário medieval”, como aventada por F. di Capua, mas a idéia do latim medieval como sendo uma *Kunstsprache* nos permite uma clareza maior de definição.

Segundo Maria do Horto Soares Motta, o conceito de *Kunstsprache* abarcaria

“não as línguas fundadas sobre uma comunidade étnica, mas ba-

seadas na tradição de uma coletividade ligada pela força unificadora de uma idéia, de uma tradição de caráter literário ou religioso, inspirada por fatos de ordem cultural em geral.” (1982:27)

No nosso caso, a unidade medieval do latim foi obtida através dos membros intelectuais, oriundos, a princípio, do seio eclesiástico. Continuando com Maria do Horto Soares Motta:

“O agente da latinidade medieval foi a comunidade intelectual

que, suprimindo fronteiras de povos e nações, constituiu uma uni-

dade: a *respublica clericorum* (tomado o termo *clericus* no sentido amplo em que era usado na Idade Média: os *clerici* ou *litterati* eram os “letrados”). E essa força unificadora era sustentada não só pela afinidade religiosa como também pela firme convicção de ser essa coletividade a herdeira e a guardiã da tradição clássica.” (1982:27)

O latim, portanto, era a língua de cultura, língua de transmissão dos ensinamentos ministrados aos alunos nas escolas seculares e nas universidades, do estudo e explicação das Sagradas Escrituras, das discussões diplomáticas, dos encontros entre intelectuais, enfim, fornecia os subsídios necessários para um maior desenvolvimento da cultura medieval, sendo, com isso, uma marca de sua autonomia.

O sagrado e o profano, frutos da tradição escrita e oral, confluem no tecido lingüístico deste latim. Assim sendo, o latim medieval pode ser visto como a modalidade lingüística portadora da cultura cristã e greco-latina, veiculadora de normas e valores morais, éticos e comportamentais, que estão muito bem espelhados nos provérbios medievais.

Para analisarmos, portanto, os textos medievais,

aos

“não se há de recorrer nem às normas do latim clássico, nem

latim

padrões do latim cristão, mas tomar como base o próprio medieval, onde se encontrarão elementos clássicos ao lado de

me outros especificamente cristãos, além de muitos neologismos dievais e de elementos devidos à influência das línguas nacionais, todos eles fundidos e integrados em um grande painel, formando uma nova unidade: o latim medieval.” (1982:30)

Não é necessário ressaltarmos, contudo, a mobilidade de uma língua, que a cada geração, adquire novas feições. Entretanto, as modificações lingüísticas espelham as mudanças sociais da respectiva época. Não a uniformidade, mas a polaridade e a vitalidade do universo expressivo do latim fazem a diferenciação lingüística na Idade Média um testemunho ocular de sua própria história, em um sentido mais específico, da formação da própria sociedade medieval. Mais ainda, os testemunhos escritos legitimam o processo de apropriação de formas e condições de vida que caracterizam a transformação de uma sociedade, em princípio com uma tradição cultural oral, em uma sociedade, onde a escrita assume um papel de guardião e transmissora desse mesmo legado.

No tocante às particularidades deste latim medieval, é necessário que algumas considerações sejam feitas. Em primeiro lugar, as fontes para a constituição desse latim, ou seja, a nosso ver, a tradição cultural latina, o ideário cristão e sua expressão escrita (latim cristão) e a contribuição dos bárbaros. Concordamos com Maria do Horto Soares Motta (1982:32), ao afirmar, que

“... essas três forças, a conservadora (dos romanos), a desagregadora (dos bárbaros) e a propriamente revolucionária (dos cristãos), representadas, no que diz respeito à língua, pelo latim, pelo superestrato germano (bárbaro) e pelo latim cristão, vão entrar na constituição do latim medieval.”

Este latim medieval apresenta características, as quais não podem ser reduzidas a meras considerações de ordem fonética, morfológica, sintática, lexical e semântica. Limitar-nos-emos, contudo, a algumas observações de ordem geral:³¹

A) Fonética

a) redução na escrita dos ditongos æ e oe.

Ex.: edes por ædes; femine por feminæ; fedus por foedus;

b) supressão do -h- medial em palavras como nihil por debilidade fonética.

Ex.: “Nil valet in bellis vir inermis, et absque libellis

Clericus est mutus, licet ingenio sit acutus.”

(De nada vale um homem desarmado na guerra e um

Clérigo sem livros é mudo, embora seja arguto no talento);

c) rimas

Ex.: “Mus salit in stratum, dum scit abesse catum.”

(O rato sai para a rua, quando sabe que o gato está ausente);

d) redução de consoantes geminadas

Ex.: cattus por catus;

B) Morfologia

a) predileção por diminutivos. Dag Norberg cita:

“Munda cultellum, morsellum quere tenellum,
Sed per cancellum, post supra pone platellum.”;

b) utilização do prefixo verbal para criação de efeito sonoro. Gautier de Châtillon, citado por Norberg (1968:73), criou os seguintes verbos denominativos: de rosa derosatur, de mundus demundatur, de masculos demasculare, de federe defedere, enquanto em alguns *carmina* encontram-se titulum detitulare, virginem devirginare, canonicum decanonicare, pueros depuerare;

c) emprego do nome de pessoas (normalmente personagens mítico-históricas) para simbolizar determinada característica, qualidade ou defeito humano, como ocorre nas formas verbais abaixo:

Ex.: helenare (de Helena), tiresiare (de Tiresias), absalonizare (de Absalon), neronizare (de Nero), gualterizare (de Gualterius), venerizare (de Venus), satanizare (de Satanas), etc.;

d) construção de verbos denominativos com os sufixos -are ou -izare.

Ex.: presbiterare, pontificare, musare, gulare, cervisiare, podagrare, silabizare, stultizare, puerizare, etc...;

e) decadência do gênero neutro

Ex.: balneum, fatum, vasum, vinum passam a masculinos, balneus, fatus, vasus, vinus; plurais neutros coletivos como folia, ligna e bracchia passam a femininos;

f) passagem de substantivos das 1ª e 2ª declinações para a 3ª e vice-versa.

Ex.: soceris ao invés de socer; alacri por alacres, ignaves por ignavi; colubri por colubre (colubrae);

g) redução dos casos - vocativo praticamente igualado ao nominativo, dativo substituído pela preposição ad + acusativo, ablativo expresso por sintagmas preposicionais e o genitivo substituído pelas preposições de, ex e ab + ablativo;

h) substantivos da 3ª declinação apresentam troca entre -is e -es no nominativo singular - sedis, cives e entre -e e -i no ablativo singular - altare, regi, veteri;

i) passagem de verbos para conjugações diferentes:

Ex.: da 3ª para a 1ª - adiciari, amplectari;
da 1ª para a 4ª - commendire, lanire;

j) construções perifrásticas com sum e fui. Ex.: sortitus fuerat.

C) Sintaxe

a) uso das conjunções quoniam, quia e quod para substituir uma oração com acusativo sujeito de infinitivo (MOTTA, 1982:61).

D) Léxico e Semântica

a) palavras clássicas com novo significado:

breve, -is - carta, documento; (cf. com o alemão *Brief*, “carta”)

campus - campo de batalha, luta; (cf. com o alemão *Kampf*, “luta”)

consul - conselheiro;

convertere - ir para o convento, tornar-se religioso(a), converter-se à fé cristã;

corpus - hóstia;

exemplare - copiar, transcrever;

facultas - direito, faculdade (no sentido abstrato e concreto);

feria - dia de semana; (cf. secunda feria em português)

fides - “fé” e não “lealdade”;

gentes - “pagão” e não “estrangeiro”;

homo - subordinado, serviçal;

orare - “rezar” e não “pedir solenemente”;

peccare - “pecar” e não “errar”;

spiritus - “espírito” e não “sopro”;

virtus - “virtude” e não “valor”.

b) designativos de posição social:

comes - conde;

dux - duque;

miles - cavaleiro;

sophista - sábio;

apothecarius - merceiro, quitandeiro;

armarius - bibliotecário, arquivista;

mercator, negociator - mercador, negociante.

c) empréstimos ao grego

anathema, angelus, apostata, apostolus, baptisma ou baptismus, catholicus, cathecumenus, diaconus, etc.;

d) neologismos

artista - representante de uma das sete artes liberales;

bannus - funcionário responsável por uma jurisdição;

decretista - jurista canônico;

emenda - penitência, multa;

ganga - saída, partida; (cf. com o alemão *Ausgang*, “saída”)

legista - jurista não eclesiástico;

palpanista - adulator;

babellare - balbuciar com raiva;

metrificare - compor em versos métricos;

semare - mutilar;

siniugare - melhorar, aplainar, polir.

Dentro do vocabulário medieval por nós citado, metrificare é um termo que se prende a uma nova concepção do fazer poético, que terá no aparecimento da rima uma de suas marcas por excelência.

5. A RIMA: A CRIAÇÃO MEDIEVAL

“Uma especificidade de forma levaram, em comum, não só a poesia métrica como também a rítmica da primitiva poesia cristã à Idade Média, a rima.”³²

Os primeiros dados à nossa disposição sobre o surgimento e a história da rima na poesia ocidental remontam a uma procedência semítica, segundo Paul Klopsch³³, que pode ser datada aproximadamente em 250 d.C.. Comodiano de Gaza, poeta cristão do século III ou IV, compõe suas Instructiones e seu Carmen Apologeticum em hexâmetros, que não correspondem totalmente aos padrões clássicos de acentuação quantitativa, suscitando até hoje em dia discussões sobre uma já eventual presença do acento intensivo.³⁴

A poesia cristã, com seu objetivo primordial didático-encomiástico, servia-se do latim para a expressão de suas “boas-novas” com um novo artifício de expressão estética para o fazer poético. Silvio Elia assim se pronuncia a esse respeito:

“Só queremos notar que o latim destas poesias não era, propriamente, o latim desarticulado do povo, nem o que podemos encontrar nos documentos dos tabeliões do tempo. Ainda assim, a sensibilidade poética evoluía, nitidamente, no sentido das línguas vivas, dando origem a uma florescência estética em que o ritmo acentual, permitam-nos a expressão, triunfava, definitivamente, sobre a musicalidade do verso clássico, sob o signo da quantidade métrica.”³⁵

Com a poesia cristã medieval forma-se o chamado “ritmo binário”, baseado na sucessão alternada das sílabas fortes. Silvio Elia (1968:23) cita o caso da palavra *apparebit*, cuja sílaba tônica re representa um tempo forte. No esquema binário alternado teríamos *apparébit*. Hinos e seqüências formam o desdobramento e o ápice da acentuação intensiva e com as últimas “consolida-se o ritmo acentual e já aparece normalmente a rima”.³⁶

No século XII, a difusão da versificação acentual e rítmica ganhou a primazia dentro da produção poética em latim. Como sabemos, a versificação clássica era baseada na quantidade silábica - sílaba longa e sílaba breve -, marcadas as sílabas pelo macron e pela braquia. Na acentuação rítmica, já com a presença de elementos como o ritmo binário, admissão do hiato, isossilabismo (mesmo número de sílabas em cada

verso), interdição da sinalefa e colocação do acento em lugar fixo, caracterizar-se-ão a poesia latina da Baixa Idade Média e os próprios metros românicos, que não analisaremos,³⁷ baseados também na intensidade silábica, ou seja, oposição entre sílaba forte X sílaba fraca, isto é, vogal tônica X vogal átona.

Especialmente os hexâmetros e pentâmetros, muito utilizados em provérbios, sentenças e demais expressões fraseológicas em latim medieval, apresentavam rimas, que configuravam versos específicos. Karl Langosch cita alguns tipos de versos rítmicos, dentre os quais os mais importantes para a pesquisa sobre os provérbios medievais são os seguintes:³⁸

a) *leonini* - abrangem a cesura e o final dos versos:

Ex.: *Virgineo more | non hec loquor absque rubore* (preferiu-se construir o segundo pé métrico com um espondeu, *consonantia larga*, a um dáctilo, *consonantia stricta*);

b) *caudati* - rima somente no final do verso, muito freqüentes:

Ex.: *Si quis huic mundo millenis militat annis,
Vix tandem fractis sibi dat stipendia pannis.*

c) *collaterales* - as cesuras rimam umas com as outras e, do mesmo modo, os finais, tipo (a +b, a + b):

Ex.: *Noscere defectus delictorum propriorum
Plus habet effectus quam sidera nosse polorum.*

d) *cruciferi* - a cesura de um verso rima com o final do outro (ab, ba):

Ex.: *Angelico verbo castus tuus intumet alvus,
Ut fieret salvus homo tentus ab hoste superbo.*

e) *unisoni* - as cesuras e os finais rimam uns com os outros (a,a, aa) e o mesmo em grandes poemas como nos 45 dísticos do *Carmen Buranum* 101:

Ex.: *Pergama flere volo | fata Danais data solo, Solo capta dolo, | capta redacta solo.*

O estudioso alemão também menciona os versos *trinini salientes*, caracterizados pela sílaba tônica na 2ª e 4ª sílabas e com rima final:

Ex.: *O monachi, | vestri stomachi | sunt amphora Bacchi.*

Da mesma forma, os *tripertiti dactylici*, que possuem coincidência de rima nas 2ª e 4ª sílabas com o final dos 2º e 4º pés métricos:

Ex.: *Hora novissima, | tempora pessima | sunt, vigilemus.
Ecce minaciter | imminet arbiter | ille supremus*

Langosch assim sintetiza a função da rima na poesia latina medieval:

“Não se pode de antemão menosprezar a rima como artificial ou incômoda e desvalorizá-la face à poesia não rimada; pelo contrário, ela precisa ser considerada como ornamento, cuja colocação exige do poeta numa escala considerável um esforço suplemen

-

tar, especialmente quando ele lida com ela artisticamente, isto é, ele se esforça em não utilizar tão freqüentemente a mesma palavra e a mesma rima, em não deixar o sentido sucumbir à obrigação da rima, mas em jogar engenhosamente com a rima e fortalecer a arte.”³⁹

Este jogo artificial e pensado com a linguagem poética condizia, portanto, com as aspirações dos *magistri* medievais, ao oferecerem aos seus *discipuli* a oportunidade de estudar e aprender com as *auctoritates* da ciência na Antigüidade, aprimorando o domínio do código escrito e internalizando as lições dos mestres do passado.

Após citar as “autoridades científicas” da Idade Média, Ernst Robert Curtius prossegue:

“Os autores, todavia, não são somente fontes de saber; são um tesouro da ciência e filosofia da vida. Encontravam-se nos poetas antigos centenas e milhares de versos, que ofereciam, em forma condensada, experiências psicológicas e regras de vida. ... Quintiliano chamava-lhes ‘sentenças’ (propriamente: ‘juízos’) por se assemelharem às decisões das corporações públicas... . Esses versos são ‘versos memorandos’.”⁴⁰

A finalidade mnemônica encontrou na rima e na versificação acentual intensiva em latim medieval um eficaz meio pedagógico.

6. O *CORPUS* PAREMIOLÓGICO DE WERNER

O mundo intelectual medieval hauria nas fontes clássicas a seiva para a sua ciência. Todas as esferas do saber humano procuravam nos antigos o ponto de partida para suas especulações científicas. O próprio Curtius (1957:60), ao questionar o que a Idade Média buscava nos autores clássicos, responde:

“São, em primeiro lugar, para toda a Idade Média, e ainda no século XVI, autoridades científicas. Ainda não há ciência moderna. Aprende-se a medicina em Galeno, a história universal em Plutarco. Em vez de muitos exemplos, apenas um. No programa de estudos humanísticos, que Rabelais insere no seu romance, para criticar a educação do fim da Idade Média, está previsto que nenhuma hora do dia se passe sem instrução. Depois do repasto de

ali- Pantagruel, discutem-se as qualidades de todos os alimentos,
 Di- ás em continuação a passagens escolhidas de Plínio, Ateneu,
 Vir- oscórides, Júlio Pólux, Porfírio, Opiano, Políbio, Heliodoro, Aristóteles ‘e outros’. Durante o passeio, são observadas as plantas, segundo Teofrasto, Marino, Nicander e Macer. Para recreio, sentam-se numa campina e recitam versos das *Geórgicas* de gílio, de Hesíodo e do *Rusticus* de Policiano.”

No campo da literatura, também autores como Ovídio e Horácio eram leituras presentes indispensáveis. Entretanto, o autor de Sulmona e o poeta venusino proporcionavam aos seus leitores muito mais que um mero deleite artístico: desejava-se conhecer a fundo as “lições” morais contidas em seus textos. A frase horaciana *Oderunt peccare boni virtutis amore* era constantemente citada e Ovídio foi considerado o poeta *sententiarum floribus repletus* (CURTIUS: 1957, 61).

A Idade Média precisava do embasamento clássico, de seu engenho e de seus próceres. Disto resulta, citando Curtius, que ela nos legou,

se “postas em ordem alfabética, coleções de sentenças, em que
 leitor misturam pensamento antigo e medieval. Oferecem-nas ao
 nú- moderno os *Lateinische Sprichwörter und Sinnsprüche des Mittelalters* de Jakob Werner (mais de dois mil e quinhentos
 meros). Essas coleções eram usadas como preparo para o recreio do espírito e da inteligência.”⁴¹

A obra de Jakob Werner, inserida na *Sammlung mittellateinischer Texte* (Coleção de textos em latim medieval), volume 3, pertence à tradição paremiológica das grandes compilações de provérbios, que os indexam alfabeticamente e muitas vezes, (não se tratando aqui do caso), os dividem em campos do conhecimento humano.

No século XIX, com a valorização do elemento popular na formação da cultura social, o folclore e as tradições do povo foram objeto de pesquisa, na busca de raízes de uma identidade nacional. Na Alemanha e na parte de língua alemã da Suíça, terra natal de Werner, o espírito de unidade cultural, alcançado no plano político pela fundação do Império Alemão em 1871, levou grande parte de lingüistas e filólogos a se interessar por traços característicos de um *Deutschtum*, (“germanismo”). Karl Friedrich Wilhelm Wander organizou e levou ao prelo os 5 volumes de seu *Deutsches Sprichwörterlexikon* (Léxico dos Provérbios Alemães) entre 1863 e 1880. Ida von Düringsfeld e Otto von Reinsberg-Düringsfeld publicaram os 2 volumes de seus *Sprichwörter der germanischen und romanischen Sprachen* (Provérbios das Línguas Germânicas e Românicas) entre 1872 e 1875. (WERNER:1912,III) Este último trabalho, de cunho comparatista, possibilitaria a abertura para estudos mais específicos sobre outras línguas. A. Otto, com seus *Die Sprichwörter und sprichwörtlichen Redensarten der Römer* (Os Provérbios e Expressões Proverbiais dos Romanos), de 1890, foi um marco neste sentido. Jakob Werner ocupou-se das parêmias em latim medieval.

As fontes documentais do trabalho de Werner são sete manuscritos, a saber: ⁴²

- a) manuscrito **B** - A.XI., Biblioteca da Universidade de Basel, Suíça. Werner considera a redação do mesmo como tendo sido feita no primeiro quartel do século XV. Trata-se de uma coleção de, na maioria das vezes, sentenças de duas linhas ordenadas alfabeticamente, ao lado das quais, com freqüência, a fonte é citada;
- b) manuscrito **Ba** - o mesmo manuscrito, porém contém entre as folhas 236-283 uma coleção de sentenças, provérbios e citações de escritores clássicos, que, do mesmo modo, são ordenados alfabeticamente. O citado manuscrito apresenta-se acrescido de aditamentos;
- c) manuscrito **D** - Darmstadt 2225, século XV (na capa, ano de 1410);
- d) manuscrito **K** - Munique, Biblioteca do Paço. século XIII;
- e) manuscrito **P** - Paris, Biblioteca Nacional, Lat. 6765, século XII;
- f) manuscrito **Sch** - Munique, Biblioteca do Paço e da Cidade, século XII;
- g) manuscrito **SG** - de Sankt Gallen, Biblioteca do Convento, século XV (1462).

No cômputo geral, há quatro manuscritos, que podem ser datados do século XV, dois manuscritos do século XII e apenas um proveniente do século XIII. Werner faz alguns comentários sobre a estruturação e apresentação dos provérbios:

a “A forma corrente destas sentenças é o hexâmetro e o dístico, e
 - saber freqüentemente com rima mono ou dissilábica. ... Das inú
 - meras formas de hexâmetros, ... , somente poucas foram utiliza
 - das nestes versos, já que as formas demasiado artificiais não fi-
 cariam bem ao seu conteúdo popular simples.” (1912:VII)

Nos provérbios de dois versos, menciona Werner, há uma grande incidência de versos *leonini*, *caudati*, *collaterales*, *unisoni*, *dactylici disiuncti*, *tripertiti dactylici* e *trinini salientes* (1912:VII). Também são encontrados, apesar de bem raramente, a elisão e o hiato; na cesura aparece com freqüência um alongamento de uma sílaba breve e as rimas não são sempre perfeitas.

Este opúsculo do estudioso suíço resume, por fim, condensando em suas cento e doze páginas, as lições culturais de quatro séculos da Baixa Idade Média⁴³. Servindo como instrumento didático para os alunos das escolas e universidades de então, os *proverbia* funcionavam como elementos propedêuticos, não somente do latim, ou de figuras de linguagem, de retórica ou de adorno poético (como a rima), porém essencialmente, de todo um legado universal embasado pela Verdade cristã, condutora do homem em seus passos sobre a Terra.

7. EXEMPLOS DE TEMÁTICAS

A pesquisa dos provérbios medievais rimados em latim nos levou à observação sobre alguns eixos temáticos, cuja incidência, posteriormente, ajuda-nos a ratificar a hipótese de que os provérbios possuiriam função didático-moralizante dentro da sociedade medieval.

A tradição fabulística de Esopo, Fedro e Aviano legou à humanidade o uso de animais como imagens refletidas, metáforas do próprio homem, com seus sentimentos nobres e vis. Joyce E. Salisbury em *The beast within. Animals in the Middle Ages* salienta o papel dos animais para o próprio auto-conhecimento do homem, pois quando

“... as pessoas podem ver um animal agindo como um homem,
a metáfora pode ser eficaz nos dois sentidos, revelando o
animal dentro de cada ser humano.” (1994:105)

A partir da herança clássica, os animais ganharam cada vez maior prestígio dentro da literatura medieval. Bestiários e livros de falcoaria, por exemplo, foram obras de grande circulação nos meios intelectuais e entre os nobres. Homens da Igreja divulgavam histórias sobre animais que supostamente instavam as pessoas a uma conduta moral superior (1994:105). A partir do século XII foram incluídos nos sermões **exempla e proverbialia** com o uso de animais para, segundo a recomendação de Bernardo de Claraval, “estimular o intelecto do leitor”.(1994:126)

Várias foram as funções dos animais presentes nos textos medievais. Essencialmente, as principais referiam-se a eles como símbolos do trabalho, de comida e de paródia ao comportamento humano. Dentre eles, temos o lobo, a raposa, o leão, o cão, o cordeiro, a serpente, o boi, o sapo, o burro, o macaco, o gato, a cegonha, o esquilo e o veado. Dos animais imaginários, abundantes também na literatura da época, temos o unicórnio, o dragão e seres ambíguos (metade ser humano, metade animal), como o centauro e a sereia.⁴⁴

Os animais, portanto, veiculavam mensagens, que serviam para a reflexão do ouvinte/leitor (se adotarmos a dualidade produção escrita, destinada a um público *litteratus* X oralidade, presente, por exemplo, na homilias e sermões), mensagens essas que estavam imbuídas de uma sabedoria experiencial aliada à sabedoria primeira oriunda do conhecimento e aplicação diária da palavra de Deus.

A palavra bíblica assumia o papel de instância primeira e última para o homem medieval. Como ponto de partida, as Sagradas Escrituras e como ponto de chegada a própria vida, por elas regulamentada de acordo com a interpretação da Igreja. Os exemplos de Cristo, dos santos e dos papas serviam de guias práticos de moral. Naqueles tempos, ser sábio era seguir e usar em sua vida diária a palavra de Deus.

A tradição paremiológica cristã iniciou-se com os *Provérbios* de Salomão, cuja data de redação é incerta.⁴⁵ Este livro demonstra que a aliança do homem com Deus pode ser feita através do conhecimento, aplicação e temor para com Ele. Cultivar sentimentos nobres é a chave da sabedoria. Como diz Derek Kidner, é necessário

“ser bom para ser sábio - embora Provérbios se ocupe especialmente em indicar o outro lado disto: que é necessário ser sábio para ser realmente bom, pois a bondade e a sabedoria não são

duas qualidades que se pode separar: são dois aspectos de uma só unidade. Levando o assunto até às suas origens, é necessário ser *piadoso* para ser sábio; e isto não é porque a piedade traz vantagens, mas porque a única sabedoria através da qual se pode tratar das coisas da vida diária conforme a natureza delas é a sabedoria através da qual foram divinamente feitas e ordenadas.”⁴⁶

Com a incorporação do legado cultural clássico e desenvolvimento de uma ciência medieval em diversos ramos do saber humano, como Arquitetura, Astronomia, Direito, Filosofia, Gramática, História, Matemática, Medicina, Música e Retórica, dentre outros, a transmissão desse novo conhecimento despertou uma busca à sabedoria, quer através de discussões e debates dentro das universidades e escolas seculares, quer nas ruas e tavernas. Como monumento maior da cultura de então temos a *Summa theologiae*, de São Tomás de Aquino, onde a ciência do homem é embasada pelo conhecimento da sabedoria divina.

Destarte, o homem medieval une o profano ao sagrado para conseguir sabedoria. O sagrado norteia a vida humana e o homem (rei ou vassalo, nobre ou clérigo) precisa ter acesso à verdade cristã para poder sobreviver na Terra, enquanto aguarda a eternidade. Em cadernos escolares, os jovens clérigos recebiam em seus primeiros estudos, provérbios, muitos deles rimados, que continham, em doses diminutas, ensinamentos práticos para a vida. Esses mesmos clérigos, mais tarde padres e monges, os proferiam diante da massa não *litterata* para servirem de fio condutor de suas ações. Os provérbios refletiam atitudes, sentimentos, condutas, modos de agir e de pensar que conviriam ou não a um cristão. A mensagem simbólica daqueles expressaria e justificaria o seu uso.

No campo da Literatura, Grécia e Roma forneceram para o mundo medieval europeu autores, temas e personagens. No que se refere a estas últimas, Ulisses, Helena, Enéias, Tirésias, Baco, Vênus, dentre inúmeros nomes, entraram para a galeria de personagens medievais como arquétipos de astúcia, beleza, coragem, sabedoria, prazeres mundanos e amor. Os compêndios de provérbios medievais as incluem constantemente, representando deuses pagãos ou simples mortais, figuras heróicas ou vilãs, que fazem parte da história universal.⁴⁷ Seus comportamentos são motivo de reprimenda ou louvor e caberá ao homem “saber” discernir o que aquelas figuras universais trazem de contribuição para suas vidas no claustro, no palácio e na casa simples.

A alusão a personagens da mitologia greco-romana demonstra, da mesma forma, o trabalho intelectual com as fontes escritas, onde as mesmas se encontram. No labor dos *scriptoria* e nas salas de aula e átrios de igrejas e universidades, o elemento cultural pagão é assimilado e compreendido dentro de uma ótica cristã e exercerá a função de espelhar vícios e virtudes comuns a quaisquer homens, em quaisquer épocas.

A caracterização do papel da mulher dentro da sociedade medieval apresenta-se como extremamente rica em detalhes. Não cabe aqui, devido aos objetivos deste trabalho, discorrer extensamente a respeito.

Em linhas gerais, podemos vislumbrar dois tipos de posicionamento social em relação à mulher. Sob um primeiro ponto de vista, citando Aurélio Gonzáles,

“temos a visão dos padres da Igreja como São João Crisóstomo,

para Santo Antonino, São João Damasceno ou São Jerônimo, quem a mulher pode ser *soberana peste, porta do inferno, amor do diabo, larva do demônio* ou *flecha do diabo*, posição que indubitavelmente implica na consideração da mulher como fonte do pecado.”⁴⁸

A opinião eclesiástica, a princípio, não seria favorável à figura feminina. Entretanto, o estudioso mexicano acima citado polemiza, ao lembrar que

“a realidade da época nos apresenta uma situação na qual a mulher tinha muito mais possibilidades que as consideradas pela Igreja, e opções de desenvolvimento intelectual maiores que as que tiveram a partir do Renascimento. Por exemplo tinha acesso à cultura inclusive nos níveis superiores como a escola livre de medicina de Salerno que desde o século X outorgava faculdades para exercer a medicina e a cirurgia tanto a homens como a mulheres. ... Também existiam escolas para meninas em um número similar ao dos meninos; exigia-se que todas as monjas soubessem ler e escrever e é assombroso o número de copistas mulheres que se encontra a revisar os colofones de manuscritos medievais.”⁴⁹

Uma figura feminina, representada por Eva, tinha, pois, levado a Humanidade para o pecado, afastando-a do caminho do Criador. Do mesmo modo, porém, Cristo, o redentor da Humanidade pecadora, aquele que veio à terra restituir a união entre filhos e Pai, foi gerado pelo Espírito Santo no ventre de uma mulher virgem e sem máculas, Maria. Este exemplo de mulher poderia resgatar o próprio sexo feminino de sua antepassada pecadora. Sua vida é digna de ser cantada e imitada, tanto em igrejas quanto em cortes e a união da mulher espiritual com a dama da nobreza impulsiona a produção literária da época.

Como visto, então, a lírica mariana e o amor cortês enobrecem a mulher. A primeira, por relacionar e ressaltar as qualidades de Maria como mãe de Cristo, tais quais pureza, humildade, bondade, piedade, abnegação, resignação, dentre outras. Maria tornou-se a *regina mundi* e, paralelamente ao culto mariano, desenvolveu-se em fins do século XI e início do século XII na região da Provence, um tipo de lírica que podemos caracterizar nas palavras de Aurélio González (1991:36) como “feudalismo de amor”, onde vigorava todo um código de comportamento artificial, estilizado, baseado na humildade, subserviência do homem à mulher e na “cortesia”. Da Provence, passando pelas terras do Sacro Império Romano-Germânico, chegando até à Península Ibérica, a lírica trovadoresca e suas canções de amor e de amigo celebravam a mulher e o amor desejado.

Essa figura feminina, entretanto, surgia com frequência nos *proverbia* medievais simbolizando o mal, razão pela qual acreditamos numa elaboração eclesiástica dos mesmos.

Intentaremos, nos próximos sub-itens, uma exemplificação sumária (apenas um provérbio) de cada um destes quatro eixos temáticos e procederemos, do mesmo modo, a uma rápida apreciação sobre a parte formal e conteudística dos mesmos, abordando aspectos gramaticais, literários e culturais pertinentes.

7.1 O mundo animal

a) Provérbio: **Cattus sepe satur cum capto mure iocatur**

b) Tradução: Frequentemente o saciado gato brinca com o aprisionado rato; ⁵⁰

c) Fonte: manuscrito **BA**, 37 (século XV);

d) Análise formal:

d.1.) Acentuação intensiva: nas 1^a, 3^a, 5^a, cesura, 8^a, 10^a e 13^a sílabas tônicas;

d.2.) Esquema rimático: **a + a (satur e iocatur)** - a rima coloca em destaque, através da associação entre “estar satisfeito” e “jogar, brincar”, a questão da superioridade e poder de alguém face a um adversário impotente;

d.3.) Versos leonini - (no caso, hexâmetro de quatorze sílabas com rima dissílaba na cesura e na final).

e) Análise gramatical:

e.1.) Fonética: presença da consoante geminada **tt** em **cattus**; redução do ditongo **æ**: **sepe** ao invés de **sæpe**;

e.2.) Morfologia: utilização do verbo depoente de 1^a conjugação **iocari** no indicativo; uso do adjetivo triforme **satur**, derivado do advérbio latino *satis*;

e.3.) Sintaxe: uso da preposição **cum**, “com, em companhia de” + ablativo **capto mure**; período simples;

e.4.) Léxico-Semântica: uso do vocábulo do latim tardio **cattus**, **-i** em predileção à forma clássica **feles / felis, -is**.

f) Análise literário-cultural

Preliminarmente, os gatos desempenham um papel de importância na história humana. Adorados e divinizados no Egito, simbolizados como animais demoníacos ou portadores de má-sorte (até hoje em dia, deparar-se com gatos numa sexta-feira, dia 13 de qualquer mês é considerado como sinônimo de azar), os felinos domésticos aparecem com frequência nos *libri proverbiorum* e bestiários medievais. Rápidos, ágeis,

perseguidores incansáveis de ratos, há menção aos gatos e suas qualidades até no *Direito galês do século X*:

“Suas qualidades são ver, ouvir, matar ratos, possuir as patas sa-
dias, nutrir e não devorar seus
gatinhos.”(SALISBURY:1994,14)

Como controlador dos roedores, o gato possuía (até hoje em dia) uma função dentro da sociedade humana. Em uma página do manuscrito do *Livro de Kells*, de origem céltica e datação incerta, há uma figura, cuja simbologia nos é similar ao do provérbio 37 do manuscrito de Basel. Joyce E. Salisbury assim a descreve:

“A figura mostra dois gatos que apanharam dois ratos pelo rabo,

os quais parecem estar mordiscando um objeto circular marcado com a forma de uma cruz, provavelmente uma hóstia de comu-

nhão. ... Os gatos neste caso representam os aprimorados guardiões desempenhando o papel deles esperado de manter a população de ratos sob controle.” (1994:65)

Os gatos, defensores da sagrada tradição da eucaristia, aproximam-se, portanto, dos eclesiásticos, que, através de seu comportamento, devem manter a ordem social de acordo com a palavra de Deus. Odo de Cheriton (nascido em 1185), ao utilizar suas fábulas para oferecer mensagens de comportamento humano para preservar a ordem social medieval, lançava freqüentemente mão da figura de gatos tonsurados e paramentados como um monge para perseguir um rato. (SALISBURY, 1994:124-125)

A mentalidade medieval associava aos ratos, em geral, a estragos e danos, muitas vezes permanentes. Em *Os defeitos das mulheres*, poema datado do final do século XIII e início do seguinte e feito em França, temos a mulher comparada a um rato para “destruir”(SALISBURY:1994, 157-158), donde inferimos a conotação negativa dada aos ratos.

Assim, *Cattus sepe satur cum capto mure iocatur* transmite a singela mensagem do gato, saciado, que se diverte com o rato capturado, mas, em suas entrelinhas, vemos, nas metáforas do gato e do rato as figuras da vigilância da Igreja e do males causados por este último, o qual tenta destruir aos poucos a inabalável ordem do mundo medieval. Os *custodes* desta ordem, enfim, aprazem-se com o rato capturado, pois é sempre certa a vitória da palavra de Deus.

7.2 A moral cristã

a) Provérbio: **Demon non potuit clero mala fundere plura,
Quam quod ei tribuit famulos omni sine cura.**

b) Tradução: O demônio não pôde ao clero muitos males causar,
Senão pelo fato de a ele servos sem qualquer prudência destinar.

c) Fonte: manuscrito SG, 17 (século XV);

d) Análise formal:

d.1.) Acentuação intensiva: nas 1^a, 4^a, cesura, 6^a, 8^a, 10^a e 13^a sílabas tônicas;

d.2.) Esquema rimático: **a + b, a + b (potuit - tribuit e plura - cura)**; a rima, como um artifício também de ordem mnemônica, facilita ao destinatário reconhecer os diversos males causados ao clero pela imprudência e descuido de seus membros;

d.3.) Versos collaterales (no caso, em dístico, com dois hexâmetros de quatorze sílabas com rimas monossílabas na cesura e dissílabas nas finais);

e) Análise gramatical:

e.1.) Fonética: redução do ditongo **æ**: **Demon** ao invés de **Daemon**;

e.2.) Morfologia: formas verbais **potuit** e **tribuit** - pretérito perfeito;

e.3.) Sintaxe: **quam** com valor adverbial de exclusão; pronome indefinido **quod**, no latim medieval desdobrado com valor de conjunção explicativa; verbo **fundere** com acusativo *mala plura* e dativo *clero*; verbo **posse** mais infinitivo; período composto por subordinação;

e.4.) Léxico - Semântica: **Demon**, aqui, com significado cristão de “anjo mau, demônio” e não com o valor clássico da palavra grega *daimon*, “espírito, gênio bom ou mau”(SARAIVA:1910,333); **clero**, vocábulo do latim cristão, que apareceu pela primeira vez com Prudêncio, poeta latino do século IV, designando os membros representantes da Igreja (SARAIVA:1910,234); **famulus**, não com o sentido clássico de “criado”, mas sim com o valor cristão de “servo de Deus”, como aparece em S. Jerônimo (SARAIVA:1910, 473); **cura**, termo do latim clássico, com o sentido de “cuidado”.

f) Análise literário-cultural

Este provérbio é bastante representativo no tocante à preocupação da Igreja com os meios, pelos quais o demônio penetra na família cristã. A figura de Lúcifer e de seus seguidores, que desafiaram a autoridade de Deus, ameaça a paz entre os homens. Os homens oram, nos altares, nos palácios e em suas casas para que o poder do Criador dissipe e derrote as forças das trevas. Canta-se em louvor do Pai e pede-se-lhe proteção. O canto gregoriano é uma arma de defesa contra o mal e Georges Duby (1994:54) nos adverte que nós

vi-
pelos
para

“esquecemos aquilo que o canto gregoriano tinha de másculo, olento; esquecemos que ele era um canto de guerra, criado pelos monges, esses combatentes, contra os exércitos satânicos, para impor-lhes a derrota, arremessando contra eles, como dardos, a mais segura das armas: as palavras da prece.”

A arma para vencer definitivamente aqueles que seguem os anjos decaídos estava, portanto, nas mãos da Igreja, todavia, segundo Duby (1994:62), esta

“não domina pelas armas, mas sim pela palavra. Ensina dogmas, a vida reta da qual ninguém deve se desviar, uma ética que cada qual deve pôr em prática sem hesitação nem murmúrio.”

Os membros eclesiásticos recebiam formação cultural intensa, aliando o trabalho manual de copistas em *scriptoria* às leituras e discussões dos textos dos Padres da Igreja, bem como o conhecimento profundo das Sagradas Escrituras. Entretanto, o demônio, por ser oriundo da mesma luz que criou os anjos, (*Lucifer* ou “aquele que possui a luz”) conhece as fraquezas humanas, inclusive nos membros do clero. Os apelos da carne, das riquezas, do luxo, da venalidade de bens materiais e até espirituais somente são refutados, quando a armadura da fé e o domínio, na mente e no coração, da palavra de Deus estiverem presentes. *Cura* simboliza a prudência, o cuidado de que necessitamos para viver verdadeiramente de acordo com os ensinamentos de Cristo.

Esta preocupação, pois, com os malefícios que podem ser causados pela não observância das regras cristãs de comportamento, por parte daqueles que divulgam os exemplos de Cristo, reflete-se em outros provérbios da época, rimados ou não. Werner cita **Prudens cum cura vivit, stultus sine cura** (manuscrito BA, 62) e **Prudentis cura facit ipsi commoda plura** (manuscrito BA, 113). (WERNER:1912, 73)

A nosso ver, portanto, a mensagem do provérbio adverte, como num exercício de escrita e de teologia destinado aos futuros clérigos, de que a falta de cuidado, advindo da prudência, qualidade daquele que observa a palavra de Deus e, principalmente, daquele que a guarda e a divulga aos leigos, permite ao demônio entrar na casa do Senhor e, a partir daí, perturbar a ordem natural do mundo, desviando o rebanho de homens de seu principal pastor. Daí inferimos o caráter de advertência do provérbio, para que a estrutura social teocêntrica, cujo vértice era representado na terra pela Igreja, mantenha-se inabalada como instância máxima sobre a face da Europa medieval e do mundo contemporâneo.

7.3. A Antigüidade greco-romana

a) Provérbio: **Tesseribus, Bacho, stabili meretricis amore
Qui committit ei, proprio privatur honore.**

b) Tradução: Nos dados, em Baco, no constante amor de uma meretriz
Quem neles incorre, é privado da própria honra.

c) Fonte: manuscrito B, sem numeração, (século XV);

d) Análise formal:

d.1.) Acentuação intensiva: nas 2^a, 5^a /cesura/, 8^a, 10^a, 12^a e 15^a sílabas tônicas (primeiro verso); nas 1^a, 3^a, 5^a /cesura/, 6^a, 8^a, 10^a e 12^a sílabas tônicas (no segundo verso);

d.2.) Esquema rimático: **a + a (amore e honore)**; as rimas em *-ore* caracterizam o comportamento humano, referindo-se àquele que procura no mundo os prazeres da carne como desprovido da própria dignidade;

d.3.) Versos caudati (no caso, em dístico, com dois hexâmetros, sendo o primeiro de dezesseis sílabas e o segundo de quatorze sílabas com rima dissílaba nas finais);

e) Análise gramatical:

e.1.) Morfologia: **privatur**, conjugado na voz passiva no presente do indicativo;

e.2.) Sintaxe: **privatur** (apesar da voz passiva, uma das possíveis construções do verbo *privare* é feita com o ablativo); **commitere** apresenta-se com a regência do latim clássico com dativo; período composto por subordinação;

e.3.) Léxico - Semântica: **tesseribus**, do latim *tessera* e este do grego *téssares*, os “dados”, instrumentos de forma quadrada utilizado em jogos; **Bacho**, de *Bacchus*, deus romano do vinho e da inspiração poética, aqui simbolizando a bebida; **meretricis**, forma do genitivo singular de *meretrix* e esta ligada ao verbo *merere*, “merecer”: “prostituta”; **honore**, forma ablativa de **honos**, **-ris**, a “honra própria”. O valor da *honos* para os romanos está contido neste provérbio medieval, pois quem se entrega aos prazeres do jogo, do vinho e de prostitutas está destituído de sua própria dignidade.

f) Análise literário-cultural

Jogo, bebida e prostitutas são temáticas recorrentes na Idade Média como dignas de sérias reprimendas àqueles que a elas se dedicam. O fascínio exercido pelo jogo, onde sorte e azar convivem lado a lado e levam os homens muitas vezes à completa ruína financeira, sem falar na moral; ao vinho, que desde os antigos era a bebida da verdade, pois *in vino veritas*, dedicavam-se os homens sem limites; as mulheres de vida fácil fechavam o ciclo de prazeres mundanos, ofertando, em troca de pagamento, àqueles que as procuravam a fruição da carne. Nos *Carmina Burana*, mais especificamente, nas canções de taberna, encontramos vários textos, nos quais os dados e o vinho são louvados e o clero satirizado:

a) Sobre o jogo

“Ego sum abbas Cucaniensis
et consilium meum est cum bibulis
et in secta Decii voluntas mea est,
et qui mane me quesierit in taberna,
post vesperam nudus egredietur
et sic denudatus veste clamabit:

“wafna, wafna!
quid fecisti, sors turpissima!

nostre vita gaudia
abstulisti omnia.”⁵¹

Tradução:

“Eu sou o abade da Cucunha (da terra dos prazeres)
e minha deliberação acontece junto aos bebedores
e minha vontade está na seita de Décio
e quem me buscar de manhã na taberna,
após a tarde sairá nu
e assim nu clamará pela roupa:

“às armas, às armas!
Que fizeste, ó mui torpe sorte!
Arrebataste todas as alegrias
de nossa vida!”

b) Sobre o vinho - reproduzimos aqui, apenas o final da quarta estrofe e as estrofes quinta e sexta do *carmen buranum* 196, onde toda a sociedade medieval celebra a Baco.⁵²

...
“tam pro papa quam pro rege
bibunt omnes sine lege.
Bibit hera, bibit herus,
bibit miles, bibit clerus,
bibit ille, bibit illa,
bibit servus cum ancilla,
bibit velox, bibit piger,
bibit albus, bibit niger,
bibit constans, bibit vagus,
bibit rudis, bibit magus,

Bibit pauper et egrotus,
bibit exul et ignotus,
bibit puer, bibit canus,
bibit presul et decanus,
bibit soror, bibit frater,
bibit anus, bibit mater,
bibit ista, bibit ille,
bibit centum, bibit mille.”

Tradução:

...
“tanto pelo papa quanto pelo rei
bebem todos sem lei.

Bebe a senhora, bebe o senhor,
bebe o soldado, bebe o clérigo,
bebe aquele, beba aquela,
bebe o servo com a serva,

bebe o rápido, bebe o vagaroso,
 bebe o branco, bebe o negro,
 bebe o constante, bebe o vagante,
 bebe o rude, bebe o mago.

Bebe o pobre e o doente,
 bebe o desterrado e o ignorante,
 bebe o jovem, bebe o velho,
 bebe o prelado e o prior,
 bebe a irmã, bebe o irmão,
 bebe a velha, bebe a mãe,
 bebe esta, bebe aquele,
 bebem cem, bebem mil.”

Os dois trechos satíricos das Canções de Beuren são bastante significativos quanto à perniciosa influência do jogo e da bebida na sociedade medieval.

No primeiro poema, um abade, ou seja, o representante máximo de uma comunidade de eclesiásticos em uma abadia, praticamente transfere sua vida daquela para a taberna, onde celebra, não o mistério da eucaristia, mas sim o milagre de “Santo Décio”, nome invocado pelos quase todos anônimos autores dos Carmina Burana como o santo protetor daqueles que bebem. Não satisfeito com o vinho, entrega-se ao jogo e aquele que tentar retirá-lo da mesa, acabará, ele próprio, sentindo “na pele” a tentação dos dados, pois sairá nu, já que tudo, inclusive suas roupas, perderá no jogo.

No segundo poema, os versos rimados afirmam ao leitor/ouvinte, que não há distinção social para a bebida. Pelo papa e pelo rei, por aqueles que governam o mundo, bebem todas as classes sociais, sem distinção de cor, função, grau de instrução, idade ou parentesco. Quem verdadeiramente rege é Baco, deus do vinho, que foi ensinado por Sileno a plantar a vinha e pelas Musas a cantar e dançar. Uma divindade pagã que pervertia a ética comportamental cristã.

As meretrizes completam o quadro de caos moral e de costumes. Elas formariam a casta de mulheres, que, de maneira contrária aos preceitos cristãos, entregavam-se fisicamente aos homens, não unidas pelos laços indissociáveis do matrimônio, mas por dinheiro. Jacques Rossiaud em A Prostituição na Idade Média (1991:12) informa-nos sobre vários tipos de prostituição, porém

pe
 “a partir do século XIII, no mundo novo e mutante constituído
 la cidade, sempre distinguia-se entre as prostitutas públicas e as
 outras. Prostituições, portanto, não apenas uma, coexistentes e
 respondendo a ‘demandas de prostituição’... igualmente diferen-
 tes, nas quais os imperativos de natureza, cultura e
 sociabilidade
 ordenavam-se de forma desigual.”

Quaisquer que tenham sido os motivos que conduzissem a mulher à prostituição (pobreza, miséria, não conformidade com o código sexual de valores para com a mulher, dentre outros), a qualidade da relação, ou seja, o que definia sua ilegitimidade e não consonância com uma atitude cristã seria a própria condição de prostituta e não o que ela adquiriria com o comércio de seu corpo, fundamentando o seu valor moral, totalmente

antagônico aos preceitos cristãos. Conseqüentemente, a meretriz representava a mulher em seu mais baixo ponto de degradação e o discurso eclesiástico sobre a figura feminina não era, via de regra, laudatório, salvo o caso de Maria, por exemplo.

Pelo exposto, acreditamos, pois, que o provérbio em dístico por nós analisado é um veemente ataque àqueles que preferem os prazeres do mundo à santidade de vida, ou seja, referendando um discurso pedagógico de censura que tenciona nortear o mundo de acordo com um ponto de vista secular. O elemento mitológico da Antigüidade greco-latina, aqui Baco, não estava imbuído de qualidades e virtudes cristãs, manifestando somente suas características pervertoras e nocivas a uma comunidade regulamentada pelas palavras de Cristo. Contra ele, o jogo e a prostituta se ergue a voz moral de fundamento cristão. Seu efeito retórico persuasivo apela diretamente à *propria honor* do censurado, de forma a reconduzi-lo ao Pai com as bênçãos da Igreja.

7.4. A mulher

a) Provérbio: **Uxori temere noli mandare secretum!**

Vix in corde suo tenet illa luce quietum.

b) Tradução: Não queira irrefletidamente contar um segredo à esposa!

Difícilmente aquela o guarda quieto por um dia em seu coração.

c) Fonte: manuscrito **B**, sem numeração (século XV);

d) Análise formal:

d.1.) Acentuação intensiva: nas 2^a, 4^a, /cesura/, 7^a, 10^a e 13^a sílabas tônicas (primeiro verso); nas 1^a, 3^a, 5^a, /cesura/, 7^a, 9^a, 11^a e 14^a sílabas tônicas (no segundo verso);

d.2.) Esquema rimático: **a + a (secretum e quietum)**; a rima acentua a desconfiança que se deve ter da própria esposa, pois, por sua origem pecaminosa, a mulher não sabe guardar segredo (*secretum quietum*);

d.3.) Versos caudati (no caso, em dístico, com dois hexâmetros, sendo o primeiro de quatorze sílabas e o segundo de quinze sílabas com rima dissílaba nas finais);

e) Análise gramatical:

e.1.) Morfologia: advérbio de modo **temere**; verbo **nolle** mais infinitivo como imperativo com valor negativo; **secretum**, deverbais de *secerno*, com o sentido clássico de “segredo”;

e.2.) Sintaxe: verbo **mandare** com regência clássica de dativo e acusativo; **luce**, ablativo de *lux,-cis*, com o sentido de “um dia”, “por um dia”; dístico com dois períodos simples;

e.3.) Léxico - Semântica: pronome **illa** ainda com o valor demonstrativo do latim clássico de “aquela”; utilização da forma clássica **uxor, -oris** e não **sponsa- æ**, mais comum no *sermo vulgaris*, que em latim clássico significava “noiva”.

f) Análise literário-cultural

A mulher não merece a confiança de seu esposo. Um ato sem reflexão dele, como o simples contar um segredo pode significar problemas futuros, na medida em que ela não sabe guardá-lo para si, revelando-o a outros.

A imagem negativa atribuída à mulher neste provérbio reforça uma posição não privilegiada da mulher na estrutura social medieval. Referindo-se a isso, Jacques le Goff assim se pronuncia:

“Está fora de dúvida o facto de a mulher ter sido inferior. Nesta sociedade militar e viril, de subsistência sempre ameaçada e em que, por conseguinte, a fecundidade é mais uma maldição (e daí a interpretação sexual e procriativa do pecado original) que uma bênção, a mulher não estava em posição privilegiada. E bem parece que o cristianismo pouco fez para lhe melhorar a situação material e moral. É ela a grande responsável pelo pecado original. E é também ela a pior encarnação do mal nas formas da ten- tação diabólica.”⁵³

A genealogia da mulher, remontando a Eva, não deixa dúvidas quanto ao seu caráter tentador. Muitas vezes, nem mesmo o matrimônio cristão pode definitivamente apagar o passado pecaminoso do sexo feminino. Henry R. Loyn, ao comparar a visão mariana da mulher a partir do século XI com a concepção mundana da mesma, assim nos diz:

“Seu oposto era a forte tradição misógina herdada de São Paulo e dos escritos patrísticos, que retratavam a mulher como Eva, a suprema tentadora e obstáculo para a salvação; era melhor casar do que se consumir - mas não muito melhor - e um homem decidi do a levar uma vida santa deveria ingressar numa ordem religiosa.” (LOYN:1992,264)

Obviamente que o contexto socio-político-cultural europeu durante a Idade Média variou de região para região e com o crescente avanço das primeiras economias mercantis, com o desenvolvimento do tear e de um incipiente comércio nas cidades, houve uma revitalização e mudança do papel das mulheres, não mais apenas mães e monjas, mas também trabalhadoras e parceiras comerciais.

No entanto, a indiscrição e loquacidade femininas são motivos de reprimenda no provérbio acima. A esposa, muitas vezes casada em um matrimônio de interesse, não seria digna de conservar consigo um segredo, já que sua natural predisposição à falta moral a impeliria a divulgá-lo. Ao homem, pois, caberia cautela, expressa pelo advérbio *temere*, “às cegas, inconsideradamente”, ou seja, sem uma reflexão prévia. Este já deveria saber que no coração feminino, que tem em Eva o seu modelo original, não se pode confiar. O homem deve sempre lembrar-se da inocência de Adão!

A marca discursiva do provérbio, portanto, manifesta-se em uma advertência ao perigo, no qual os homens incorrem, quando revelam segredos às suas esposas. Pelo tipo

de construção e mensagem do texto, parece-nos mais um exemplo de uma lição moral de conduta, expressa em latim sob a concisa forma de um provérbio. Por trás do texto, como indicadores sociais, notamos ainda corrente um discurso eclesiástico, que privilegia o homem como criatura suprema racional feita por Deus e que insere a mulher num plano inferior.

8. CONCLUSÃO

A produção fraseológica medieval em latim, com sua variada gama de recursos estilísticos, oferece um amplo panorama socio-cultural sobre a Idade Média, uma produção rimada, normalmente em pentâmetros e hexâmetros, com vários tipos de versos e que tem como base precípua a manutenção da ordem social de estrutura teocêntrica da vida medieval.

Através de uma concisa apreciação sobre a tipologia fraseológica procuramos definir suas principais manifestações, centrando nossa discussão sobre a questão da delimitação do provérbio, por nós considerado como uma estrutura fraseológica que, de forma sucinta, auxilia o homem na aplicação diária de preceitos que devem conduzi-lo a uma vida adequada aos padrões desejados pela sociedade onde está inserido. O estudo sobre a nomenclatura fraseológica, do mesmo modo, bem demonstra a falta de unanimidade quanto à sua definição.

Os provérbios, como fonte de sabedoria, têm no *Livro dos Provérbios* de Salomão uma fonte continuamente compilada, estudada e adotada pelos homens da Igreja durante a época medieval. Esta, por sinal, fruto do desmembramento político e, conseqüentemente cultural, do mundo clássico, (em especial do mundo romano) atravessou séculos de constantes mudanças político-sociais até o advento de Carlos Magno em 768, época em que foram lançadas as pedras fundamentais para um novo incremento à cultura, onde o latim tornou-se a ferramenta dos letrados. A partir do século XII, as escolas eclesiásticas e as universidades dinamizam a transmissão do conhecimento do novo, com uma sólida base cristã, aliado ao antigo legado clássico, com as artes liberais moldando o intelectual deste tempo.

No que concerne à língua latina, em uso nos textos científicos e artísticos de então, podemos considerá-la um somatório lingüístico, que possui como principais fontes o uso cristão, a influência de adstratos e substratos, sobretudo germânicos, a ampla difusão do *sermo vulgaris* e o uso de formas tabelionais. Os textos em latim medieval, em virtude, portanto, da pluralidade de sua origem, apresentam ao estudioso uma grande dificuldade para a configuração de seus traços específicos. Apesar disto, porém, é inegável sua importância como língua de cultura e de conhecimento, mantenedora, divulgadora e amplificadora das ciências e das artes.

Do ponto de vista meramente estilístico e formal, uma das marcas medievais por excelência reside na presença da rima. Em textos poéticos ou meros exercícios escolares há o desenvolvimento e aperfeiçoamento de diversos tipos de versificação, nos quais o efeito estético salienta a mestria do trabalho com a forma. Em contrapartida, a sonoridade da rima facilita a apreensão da mensagem textual e especificamente no caso dos provérbios atua, de forma mnemônica e artística, para a sua internalização e possível utilização no dia-a-dia.

Sabedoria e experiência, teoria e prática, pois, caminham lado a lado nos provérbios, formas didáticas de fundo moralizante, tendo como suportes o cristianismo e o discurso institucionalizado da Igreja.

A aliança entre a sabedoria advinda do conhecimento divino e a cultura laica de tradição eminentemente greco-romana configurou, através de exercícios escolares de escrita com finalidade mnemônica, o discurso proverbial intelectualizado, em forma metrificada, que deveria ser aplicado à realidade concreta do dia-a-dia.

Em muitos casos, frutos de uma vivência popular, porém em muitos outros adaptados ao longo dos séculos para justificar uma primazia político-ideológica, os provérbios revelam, pelo menos, os subterrâneos de um discurso de dominação. James Obelkevich em seu artigo *Proverbs and Social History* também possui a mesma opinião:

“O que define o provérbio, entretanto, não é seu desenho externo mas sua função externa, e aquele, geralmente, é moral e didático: as pessoas usam provérbios para dizer a outras o que fazer em uma dada situação ou que atitude tomar diante dela. Provérbios então, são ‘estratégias para situações’; mas eles são estratégias com autoridade, formulando uma parte de um senso comum da cidade, seus valores e modo de fazer as coisas.”⁵⁴

Em suma, animais como metáforas do comportamento humano, o legado cultural da Antiguidade Clássica presente em deuses e personagens mitológicos carregados de uma nova simbologia, a mulher, que traz em seu caráter as marcas pecaminosas de Eva e as lições de vida pregadas pela Igreja determinam, em linhas gerais, as principais temáticas dos provérbios medievais, reflexos incontestáveis de uma sociedade conduzida pela palavra de Deus e pela escritura da Igreja!

9. BIBLIOGRAFIA

I) Paremiologia - Estudos lingüístico-culturais e coletâneas

1. ALBUQUERQUE, Maria Helena Trench de. Um exame pragmático do uso de enuncia-
dos proverbiais nas interações verbais correntes. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1989. Dissertação de Mestrado da Área de Filologia Românica.
2. AMARAL, Amadeu. Tradições populares. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948.
3. BAHNER, W. *et alii*. Linguistische Studien. Reihe A Arbeitsberichte. Berlin: Akademie der Wissenschaften der DDR, Zentralinstitut für Sprachwissenschaft, 1990.
4. CASANOVAS, C. F. de Freitas. Provérbios e frases proverbiais do século XVI. Bra-

- sília: Instituto Nacional do Livro, 1972.
5. GRYZBEK, Peter. Sinkendes Kulturgut? Eine empirische Pilotstudie zur Bekanntheit deutscher Sprichwörter. /Sem indicações bibliográficas/.
 6. JASON, Heda. Proverbs in society: the problem of meaning and function. In: Proverbi um. Bulletin d'Information sur les Recherches Parémiologiques. Helsinki: Suomalaisen Kirjallisuuden Seura, 1971. V.17, p. 617-623.
 7. KIDNER, Derek. Provérbios. Introdução e Comentário. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova & Associação Religiosa Mundo Cristão, 1992.
 8. LOPES, Antônio de Castro. Origem dos anexins, prolóquios, locuções populares, siglas, etc. Rio de Janeiro: Cia. Impressora, 1893.
 9. MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo de. Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos. 4. ed.. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1977.
 10. MATTA, Hilda. Das Sprichwort: Versuch einer Definition. In: Proverbium. Year - book of International Proverb Scholarship. Vermont: The University of Vermont 1988. V.5, p. 69-84.
 11. MELO, D. Francisco Manuel de. Feira dos anexins. Edição dirigida e revista por Innocencio Francisco da Silva. 2. ed.. Lisboa: Livraria de A. M. Pereira, 1916.
 12. MIEDER, Wolfgang. (Edit.) Wise words. Essays on the proverb. New York, London: Garland Publishing, Inc, 1994.
 13. MONYÉ, Ambrose A.. Proverb usage: kinds of relationships. In: Proverbium. Year - book of International Proverb Scholarship. Ohio: The University of Ohio, 1986. V. 3, p.85-100.
 14. MONTFORD, James Frederik. Quotations from classical authors in medieval latin glossaries. New York, London: Longmanns, Green, 1925.
 15. NASCENTES, Antenor. Tesouro da fraseologia brasileira. 2. ed.. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1966.
 16. OBELKEVICH, James. Proverbs and social history. In: Wise words. Essays on the proverb. Edited by Wolfgang Mieder. New York, London: Garland Publishing, Inc., 1994. p.211-252.
 17. OTTO, A. Die Sprichwörter und sprichwörtlichen Redensarten der Römer. 2. Aufl. . Hildesheim: Georg Olhms Verlag, 1971.
 18. REZENDE, Arthur. Phrases e curiosidades latinas. 5. ed.. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1955.
 19. RIBEIRO, João. Frases feitas. 2. ed.. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.
 20. SIMON, Maria Lúcia Mexias. Para uma estrutura proverbial nas línguas românicas. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 1989. Dissertação de Mestrado em Filologia Românica.
 21. SUARD, François & BURIDANT, Claude. Richesse du proverbe: typologie et fonctions. Lille: Université de Lille III, 1986. V.2.

22. TAYLOR, Archer. The proverb and an index to 'The proverb' Bern; Frankfurt am Main; New York: Lang, 1985.
23. TOSI, Renzo. Dicionário de sentenças latinas e gregas. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
24. WALTHER, Hans. (Hrsg.) Proverbia sententiæque latinitatis Medii Aevi. Lateinische Sprichwörter und Sentenzen des Mittelalters in alphabetischer Anordnung.
Teil 1. Göttingen: Vanderboeck & Rupprecht, 1963.
25. WERNER, Jakob. Lateinische Sprichwörter und Sinnsprüche des Mittelalters. Heidelberg: Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, 1912.

II) Idade Média

1. COMPANY, Concepción Company. (Edit.) Amor y cultura em la Edad Media. México
Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1991.
2. DUBY, Georges. A Europa na Idade Média. Tradução de Antônio de Pádua Danesi
São Paulo: Martins Fontes, 1988.
3. _____ . Idade Média, idade dos homens. Do amor e outros ensaios. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
4. HASKINS, Charles Homer. The renaissance of the 12th century. New York: Meridian Books, 1957.
5. HUIZINGA, Johan. O declínio da Idade Média. Tradução de Augusto Abelaira. Lisboa: Ulisséia, /s.d./.
6. LE GOFF, Jacques. A civilização do ocidente medieval. Tradução de Manuel Ruas. Lisboa: Editorial Estampa, 1983 (vol.1.); 1984 (vol.2).
7. _____ . Os intelectuais na Idade Média. Tradução de Margarida Sérvulo Correia. 2. edição. Lisboa: Gradiva, /s.d./.
8. LOYN, H. R. (Org.) Dicionário da Idade Média. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
9. NETO, Jônatas Batista. História da Baixa Idade Média. São Paulo: Ática, 1989.
10. NUNES, Ruy Afonso da Costa. História da educação na Idade Média. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1979.
11. ROSSIAUD, Jacques. A prostituição na Idade Média. Tradução de Cláudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
12. SALISBURY, Joyce E. The beast within. Animals in the Middle Ages. New York; London: Routledge, 1994.
13. VERGER, Jacques. As universidades na Idade Média. Tradução de Fúlvia M. L. Morretto. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1990.

14. WÖHLER, Hans-Ulrich. Geschichte der mittelalterlichen Philosophie. Berlin: VEB Deutscher Verlag der Wissenschaften, 1990.

III) Latim Medieval - Língua e Literatura

1. AUERBACH, Erich. Lenguaje literario y publico en la baja latinidad y en la Idad Media. Traducción de Luiz Lópes Molina. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1969.
2. AURELI, Alessandro. Letteratura cristiano-latina nel medoevo. Milano: F. Vallardi, 1945.
3. BISCHOFF, B. *et alii*. Carmina Burana. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1979.
4. BLAISE, Albert. Manuel de latin chrétien. Strasbourg: Le Latin Chrétien, 1955.
5. CURTIUS, Ernst Robert. Literatura européia e idade média latina. Tradução de Teodoro Cabral. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.
6. HÉLIN, Maurice. La litterature latine au Moyen Age. Paris: PUF, 1972. [Que sais-je?, v. 1043].
7. GOURMONT, Remy de. Le latin mystique. Paris: Mercure de France, 1930.
8. KLOPSCH, Paul. Einführung in die mittelalterliche Verslehre. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1972.
9. LANGOSCH, Karl. Lateinisches Mittelalter. Einleitung in Sprache und Literatur. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1988.
10. MANITIUS, Max. Geschichte der lateinischen Literatur des Mittelalters. München: C. H. Beck'sche, 1939.
11. MOHRMANN, Christine. Latin vulgaire, latin des crétiens, latin medieval. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1955.
12. MOTTA, Maria do Horto Soares. Karolus Magnus et Leo Papa. Estudo de um epos medieval. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 1982. Tese de Doutorado em Letras na Área de Língua e Literatura Latina.
13. NORBERG, Dag. Introduction a l'étude de la versification latine médiévale. Uppsala: Almqvist & Wiksell, 1958.
14. _____. Manuel pratique de latim médiéval. Paris: A & J. Picard & Cie, 1968.
15. _____. Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlateins und des frühen Mittellateins. Uppsala, Leipzig: A. B. Lundequitska, O. Harassowitz, 1943.
16. SAINIS, Matti A. Semasiologische Untersuchungen über die Entstehung der christ -

lichen Latinität. Helsinki: Sumolainen Teideakatemia, 1940.

17. SCHRINGEN, Jozef. Charakteristik des altchristlichen Lateins. Nijmegen: Dekker &

van de Vegt, 1932.

18. STRECKER, Karl. Introduction to medieval latin. Berlin: Wiedmannsche Verlags-

- buchhandlung, 1957.

IV) Latim Medieval - Dicionários

1. DU CANGE, Charles du Fresne. Glossarium mediæ et infimæ latinitatis. Paris: Libr-

des Sciences et des Arts, 1937.

2. HABEL, Edwin & GRÖBEL, Friedrich. Mittellateinisches Glossar. 2. Aufl.. Pader-

- born; München; Wien; Zürich: Schöningh, 1989.

V) Língua latina - *Opera alia*

1. ELIA, Sílvio. Sobre as origens do verso românico. Brasília: /s.ed./, 1968. Tese de
Doutoramento em Filologia Românica.

2. FARIA, Ernesto. Gramática superior da língua latina. Rio de Janeiro: Acadêmica

,
1958.

3. GAFFIOT, Félix. Dictionnaire latin-français. Paris: Hachette, 1934.

4. MAURER JÚNIOR, Theodoro Henrique. Gramática do latim vulgar. Rio de
Janeiro:

Acadêmica, 1959.

5. SAID ALY, Manuel. Acentuação e versificação latinas. (Observação e estudos) Rio
de Janeiro: Organização Simões, 1957.

6. SARAIVA, F.R. dos Santos. Novissimo diccionario latino-portuguez etymologico,
pro

sodico, historico, geographico, biographico, etc. 7. ed.. Paris: Typographia Gar-
nier Irmãos, 1910.

7. SPINA, Segismundo. Manual de versificação românica medieval. Rio de Janeiro:
Ger-

nasa, 1971.

10. NOTAS

¹ Não cabe, no momento, a discussão sobre trovadores e menestrelis, pois o tipo de texto
por eles composto não se insere no *corpus* a ser analisado por nós.

² SPINA, S. (1971) p.16.

³ Idem, ibidem, p.16.

⁴ AMARAL, A.(1948) p.242.

⁵ Para um estudo mais aprofundado sobre a temática proverbial dos principais autores
latinos conferir a obra clássica de A. Otto, indexada no capítulo Bibliografia.

⁶ Foge ao escopo de nosso trabalho uma história dos provérbios até os dias atuais.

⁷ JASON, Heda apud Proverbium (1971) p.617.

⁸ GRZYBEK, P.(s.d.) p. 240.

- ⁹ JASON, Heda apud *Proverbium* (1971) p.618.
- ¹⁰ SEITEL, Peter apud MONYE, Ambrose A. Op. cit., p.87.
- ¹¹ Idem, op. cit., pp. 87-88.
- ¹² FIRTH, Raymond apud MONYE, Ambrose A. Op. cit., p.95.
- ¹³ TOSI, R. (1996) p.XIII.
- ¹⁴ Idem, ibidem, p.XIII.
- ¹⁵ Este tópico será desenvolvido com mais profundidade em nossa tese.
- ¹⁶ TAYLOR, A.(1985) p.03.
- ¹⁷ BAHNER, W. *et alii.* (1990) p.102. Os números 1 e 2 referem-se ao verbete fraseologia, onde 1 significa “conjunto das unidades fraseológicas de uma língua” e 2 “pesquisa fraseológica, estudo da fraseologia bem como das unidades fraseológicas.”.
- ¹⁸ SIMON, M. L. M. (1989) pp. 19-21. Não desfizemos as abreviaturas das palavras para seguir o texto do Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, porém retiramos, por motivos estilísticos, o número das páginas correspondente aos verbetes.
- ¹⁹ BAHNER, W. *et alii.*(1990) p.121.
- ²⁰ SUARD, F. & BURIDANT, C. (1986) p.10.
- ²¹ Citamos e privilegiamos a pesquisa fraseológica em território alemão, em virtude de que nosso *corpus* foi coletado, em sua grande maioria, em regiões de língua alemã.
- ²² ALBUQUERQUE, M. H. T. (1989) pp.28-29. Fizemos algumas alterações quanto à apresentação do texto citado para adequá-lo ao nosso trabalho, sem, contudo, modificar as palavras da autora.
- ²³ HASKINS, C.H.(1957) p.VIII.
- ²⁴ HASKINS, C.H.(1957) p.VIII.
- ²⁵ NUNES, R. A. C.(1979) p.185.
- ²⁶ Idem, ibidem, p.190.
- ²⁷ LE GOFF, J. (s.d.) p.107.
- ²⁸ MOHRMANN, C.(1955) pp. 37-54. Todas as opiniões, a seguir, dos estudiosos sobre o conceito de latim medieval foram retirados da obra acima mencionada, pp. 37-40.
- ²⁹ NORBERG, D.(1968) p.14.
- ³⁰ MOHRMANN, C. (1955) p.39.
- ³¹ As informações aqui coligidas provêm de NORBERG (1968: 72 e ss.), LANGOSCH (1988: pp.53-60) e MOTTA (1982: pp. 37-61).
- ³² KLOPSCH, P. (1972) pp.38-39.
- ³³ KLOPSCH, P. (1972) p.39.
- ³⁴ Uma exposição de opiniões de vários estudiosos sobre os versos de Comodiano está presente em ELIA (1968: pp.18-21).
- ³⁵ ELIA, S. (1968) p.22.
- ³⁶ Idem, ibidem, p.28.
- ³⁷ Isto não significa o desaparecimento da versificação quantitativa em latim, apenas o aparecimento e destaque da versificação acentual rítmica.
- ³⁸ LANGOSCH, K.(1988) p.68.
- ³⁹ Idem, ibidem, pp.67-68.
- ⁴⁰ CURTIUS, E. R.(1957) p.60. Na nota de rodapé número 76, à página 61, diz o autor: “As sentenças são também chamadas *proverbia*.”
- ⁴¹ Idem, ibidem, p.61. Convém lembrarmos, que à época do texto de Curtius (1947) e da edição brasileira (1957), a coleção dos *Proverbia sententiaequae latinitatis Medii Aevi* de Hans Walther ainda não tinha sido publicada.
- ⁴² A especificação e descrição dos manuscritos segue WERNER (1912: pp.IV-VII).

⁴³ A escolha da obra de Werner como *corpus* paremiológico para nossa tese deveu-se ao simples fato de não existirem muitas compilações de provérbios em latim medieval e as existentes, como, por exemplo, a obra de Hans Walther, contém mais de 45.000 entradas lexicais, o que requer o trabalho de uma equipe!

⁴⁴ Retiramos as informações dos gráficos sobre os animais e suas características mais comuns na literatura medieval de SALISBURY (1994), às páginas 129, 134 e 135.

⁴⁵ Sobre o assunto cf. KIDNER (1992: pp.26-27).

⁴⁶ KIDNER, D. (1992) p.31.

⁴⁷ Claro está, que personagens bíblicas também são citadas nos provérbios. Que diremos, pois, por exemplo, da força dos cabelos de Sansão? E da sabedoria de Salomão? Entretanto, no nosso *corpus* não há tantos provérbios mencionando antropônimos bíblicos.

⁴⁸ Cf. GONZÁLEZ, Aurélio. De amor y matrimonio en la Europa medieval. In: COMPANY, C. C.(1991) p.30.

⁴⁹ Idem, ibidem, op. cit., p.31.

⁵⁰ Procuramos, na medida do possível, respeitar em nossa proposta de tradução a rima e o verso acentual rítmico dos provérbios medievais. Do mesmo modo, inserimos vírgulas e pontos para melhor adequação do texto às regras de pontuação da língua portuguesa.

⁵¹ BISCHOFF, B. *et alii*. (1979) p.648.

⁵² BISCHOFF, B. *et alii* (1979) p.592 e *carmen* 222, p.594.

⁵³ LE GOFF, J. (1984) p.42.

⁵⁴ OBELKEVICH, James. In: MIEDER, Wolfgang (Edit.) (1994) p.213.